

INSTITUTO DE ESTUDOS DO XINGU
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA

JULIANA ALVES DOS SANTOS

LYGIA BOJUNGA E O UNIVERSO INFANTIL: A
CONSTRUÇÃO DO LÚDICO NA OBRA *A BOLSA AMARELA*

SÃO FÉLIX DO XINGU/PARÁ
AGOSTO, 2021

JULIANA ALVES DOS SANTOS

**LYGIA BOJUNGA E O UNIVERSO INFANTIL: A
CONSTRUÇÃO DO LÚDICO NA OBRA *A BOLSA AMARELA***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras, do Instituto de Estudos do Xingu, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, como requisito básico para a conclusão da disciplina de TCC III.

Orientador: Prof. Dr. Fabio Mario da Silva
Área de concentração: Estudos Literários
Linha de pesquisa: Literatura infanto-juvenil

SÃO FÉLIX DO XINGU/ PARÁ

AGOSTO/ 2021

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca Setorial do Instituto de Estudos do Xingu

Santos, Juliana Alves dos

Lygia Bojunga e o universo infantil: a construção do lúdico na obra a bolsa amarela / Juliana Alves dos Santos ; orientador, Fabio Mario da Silva. — São Félix do Xingu, PA: [s. n.], 2021.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de São Félix do Xingu, Instituto de Estudos do Xingu, Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, São Félix do Xingu, 2021.

1. Literatura infantojuvenil. 2. Crianças - desenvolvimento. 3. Brincadeiras. 4. Nunes, Lygia Bojunga, 1932-. I. Silva, Fabio Mario da, orient. II. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. III. Título.

CDD: 23. ed.: 808.899282

Elaborada por Renata Matos de Souza – CRB-2/1.586

DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE MONOGRAFIA

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autora: JULIANA ALVES DOS SANTOS

Título: LYGIA BOJUNGA E O UNIVERSO INFANTIL: A CONSTRUÇÃO DO LÚDICO NA OBRA *A BOLSA AMARELA*

Monografia defendida e aprovada em ____/____/____,

com NOTA ____ (), **pela comissão julgadora:**

Professor Doutor Fabio Mario da Silva (Unifesspa – Orientador)

Professor (a): Dr.a Míriam Cristina dos Santos (Unifesspa/IEEX – examinador interno)

Professor (a): Dr.a Luciana de Barros Ataíde (Unifesspa/IEEX – examinador interno)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, acima de tudo, a Deus, por ter me iluminado e estar presente em todos os momentos da construção desse trabalho, dando-me forças e coragem para seguir.

Aos meus pais, Milton e Jucenir, que sempre fizeram de tudo para me apoiar no que fosse necessário. A vocês, meu amor e gratidão.

Às minhas irmãs, Cristiane, Raiane e Jaqueline, por me ajudarem em vários outros momentos quando precisei de apoio. Gratidão por todo carinho.

Por fim, agradeço ao meu orientador, Fabio, pela paciência e dedicação para comigo, estando presente quando precisei e contribuindo para o desenvolvimento do trabalho.

Quando uma criança brinca, joga e finge; está criando um outro mundo. Mais rico e mais belo e muito mais repleto de possibilidades e invenções do que o mundo onde, de fato vive. (Marilene Chauí, 2016).

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a obra *A Bolsa Amarela* (1976) de Lygia Bojunga. No primeiro capítulo, faremos uma breve contextualização histórica da Literatura Infantil. Em seguida, antes de partir para análise da obra, será feita uma pequena descrição sobre a vida e obra da autora, bem como sobre a importância do ludismo, destacando a relevância das brincadeiras para o desenvolvimento emocional, social e cognitivo da criança e do adolescente. Por fim, baseando-nos em artigos e textos teóricos, será feita uma análise da obra. De início, analisaremos a história dos amigos imaginários André e Lorelai. A seguir, do Galo Afonso, O Alfinete de Fraudas, Terrível, Carretel de linha e a Casa dos Consertos. Buscaremos apontar, com esse percurso, como esses personagens ajudam a compreender o ludismo na narrativa.

Palavras-Chaves: Literatura Infantil. Ludismo. *A Bolsa Amarela*. Brincadeiras. Representação.

ABSTRACT

This work aims to analyze the work *A Bolsa Amarela*, by Lygia Bojunga. Having as first part, a brief historical contextualization of Children's Literature. Then, before starting to analyze the work, a short description will be made about the author's life and work and about the importance of Ludism. Highlighting the importance of games for the emotional, social and cognitive development of children and adolescents. Finally, based on articles and theoretical texts, an analysis of the work will be made, based on one of the elements of the narrative, the characters. Initially, the story of the 'imaginary friends' André and Lorelai will be analyzed. Then, Galo Afonso, O Alfinete de Fraudas, Terrível, Carretel de linha and the Casa dos Consertos. Seeking with this, the understanding of how these elements represent ludism within the work.

Keywords: Children's Literature. Ludism. *The Yellow Bag*. Jokes. Representation.

Enquanto eu escrevia a "História de um Galo de Briga e de um Carretel de Linha Forte", a vontade de escrever andou tão magrinha que já não pesava quase nada. Que alívio. Acabei até mudando de ideia: resolvi que se eu queria escrever qualquer coisa eu devia escrever e pronto. Carta, romancinho, telegrama, o que me dava na cabeça. Queriam rir de mim? Paciência. Melhor riem de mim do que carregar aquele peso dentro da bolsa amarela (BOJUNGA, 2016).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL.....	12
2 A IMPORTÂNCIA DA LUDICIDADE PARA O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL, SOCIAL E COGNITIVO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE.....	17
2.1 Literatura e ludicidade.....	17
2.2 Arte literária: imaginação, criação e representação na Literatura Infantil.....	20
2.3 Breve contextualização sobre a vida e obra de Lygia Bojunga.....	22
3 A REPRESENTAÇÃO DO LÚDICO NA OBRA A BOLSA AMARELA.....	24
3.1 A obra e o contexto histórico da época	24
3.2 O ludismo na interação com os personagens	29
3.3 O Galo Rei e a preocupação com o coletivo.....	34
3.4 O Alfinete de Fraldas e a ausência do afeto.....	38
3.5 Loja de Consertos e a mudança de pensamento.....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS.....	53

INTRODUÇÃO

Percebeu-se, com o passar dos tempos, a grande importância das atividades lúdicas, não só como meio de entreter e divertir, mas também como uma forma de promover a aprendizagem e de despertar o prazer. Descobriu-se também que a Literatura Infantil é um dos principais recursos que leva a esses resultados.

Dessa forma, a pesquisa aqui exposta tem como primeira parte mostrar a relevância da Literatura Infantil em relação à promoção da ludicidade. Discorreremos, no nosso trabalho, primeiramente, uma breve apresentação sobre o contexto histórico da Literatura Infantil e Juvenil, a fim de entender quais os seus objetivos e a forma que ela chega ao ambiente escolar e familiar. Essas considerações serão baseadas no estudo histórico de Phillippe Ariès que refere sobre a evolução de ambas as instituições, bem como de outros estudiosos que abordam o tema.

Na segunda parte da pesquisa, abordaremos a importância das brincadeiras para o desenvolvimento social, emocional e cognitivo da criança. Tendo em vista que o brincar favorece a autoconfiança e capacita a criança para a busca de soluções para os seus problemas. Neste segundo capítulo, faremos uma breve alusão sobre o percurso de Lygia Bojunga na literatura.

Na última parte do presente estudo, descreveremos como os personagens de *A Bolsa Amarela* constroem o lúdico dentro da referida obra. O trabalho também trará informações sobre importância da família na vida das crianças e dos adolescentes.

1 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

Para compreendermos a importância da Literatura Infantil e Juvenil é necessário, primeiramente, entender o seu contexto histórico. Desta forma, inicialmente, como mencionamos, iremos fazer uma breve contextualização, antes de analisarmos a obra *A Bolsa Amarela*.

É comprovado que o homem sempre se utilizou de narrativas para construir, indicar e reescrever a sua própria história. No entanto, a concepção de texto para criança surge em um determinado período, indicado por muitos estudiosos como sendo a partir do século XVIII. A contação de histórias sempre foi usada para transmitir as origens dos povos, através dos mitos e lendas. Sendo assim, a tradição oral surgiu antes da tradição escrita, e já servia para que de uma geração a outra determinados acessos e construções fossem repassados:

A contação de histórias também concebida como processo histórico, acompanha a humanidade desde o princípio proporcionando interação e diálogo aos primeiros habitantes da terra, e permitindo a humanidade o conhecimento da história dos antepassados, nos dias atuais. (SOUZA, 2014, p. 13).

A tradição oral foi, portanto, muito importante para estabelecermos a relação entre a nossa memória afetiva e coletiva e o nosso passado histórico. Desta forma, é pelas histórias que se contam que um povo permanece existindo através das suas tradições. Podemos afirmar que essas narrativas então contam as histórias da humanidade com intenções explícitas de determinar e denunciar as suas necessidades. Contam não apenas o que ocorreu, mas também nos ajudam a repensar essa tradição com a realidade atual e com o nosso futuro.

Com o advento da escrita potencializou-se ainda mais o recurso de fixar a tradição oral, isso porque a escrita: “é uma tecnologia desenvolvida ao longo da história da humanidade que possibilitou a imobilização da linguagem oral, transcendendo as condições ordinárias de tempo e de lugar” (REIS, 2019, p. 11). Assim, as histórias antes contadas oralmente com a escrita se imortalizaram, havendo a possibilidade de gerações muito tempo depois se reconhecerem nelas.

Em séculos passados, as histórias eram contadas através da cultura oral entre os adultos para serem usadas para determinar comportamentos de povos, compreender tecnologias e tradições. Até que um determinado momento surge o que podemos chamar de Literatura

Infantil,¹ que se distingue das demais literaturas porque chega a um público “recortado” e bem definido, fazendo com que essa literatura tenha uma linguagem própria e intencionalidade de escrita para se comunicar com esse/a leitor/a.

No entanto, até chegar a essa literatura pensada para criança houve um grande processo, que está evoluindo até os dias de hoje. Isso porque o conceito de criança está sempre sendo readaptado e melhorado de tempos em tempos: “até o século XVII, as crianças conviviam igualmente com os adultos, não havia um mundo infantil, diferente e separado, ou uma visão especial da infância. Não se escrevia, portanto, para as crianças” (SILVA, 2009, p. 2). Uma que vez que, antes do século XVII, não existia a concepção de criança como conhecemos atualmente. Isso só vai acontecer com François Fénelon, com o advento e desenvolvimento do classicismo francês, surgindo com objetivo de educar moralmente as crianças.

Entretanto, o primeiro grande processo para a construção do mundo infantil foi a instituição da chamada “família”. Até a idade moderna havia a família “clã” de uma instância maior. Segundo Philippe Ariès, essa velha sociedade tradicional ignorava a criança e mais ainda o adolescente:

A duração da infância era reduzida a seu período mais frágil, enquanto o filhote do homem ainda não conseguia bastar-se; a criança então, mal adquiria algum desembaraço físico, era logo misturada aos adultos, e partilhava de seus trabalhos e jogos. De criancinha pequena, ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude, que talvez fossem praticadas antes da Idade Média e que se tornaram aspectos essenciais das sociedades evoluídas de hoje (ARIÈS, 1981, p. 3).

Em outras palavras, nessa época a criança já se tornava adulto a partir do momento que passava a ter uma desenvoltura ou agilidade física. Segundo Phillippe Ariès, após essa fase, era comum a criança viver em outra casa, sem ser a de sua família: “a passagem da criança pela família e pela sociedade era muito breve e muito insignificante para que tivesse tempo ou razão de forçar a memória e tocar a sensibilidade” (ARIÈS, 1981, p. 3). Isto é, devido ao curto período que a criança passava com a família, não dava tempo para “despertar” afeto e carinho.

No entanto, após o desenvolvimento da idade moderna até à idade contemporânea o núcleo familiar passou a ser pequeno. Nesse núcleo familiar existe a necessidade de afeto e de privacidade. Essa nova concepção de família pensa a criança de uma nova maneira. Nestes séculos não existiam, especificamente, escolas para crianças, as escolas que algumas frequentavam eram de adultos. Tinham escolas precárias e instáveis que eram destinadas aos eclesiásticos, bem como as de estudos livres:

¹ Os primeiros livros foram produzidos e especificamente “escritos como literatura para criança ao final do século XVII e durante o século XVIII”. (SCHARF, 2000, p. 23).

Como a escola e o colégio que, na Idade Média, eram reservados a um pequeno número de clérigos e misturavam as diferentes idades dentro de um espírito de liberdade de costumes, se tornaram no início dos tempos modernos um meio de isolar cada vez mais as crianças durante um período de formação tanto moral como intelectual, de adestrá-las, graças a uma disciplina mais autoritária, e, desse modo, separá-las da sociedade dos adultos (ARIÈS, 1981, p. 1).

Desta forma, as escolas eclesiásticas tinham a intenção de formar clérigos, ou seja, membros e pensadores da igreja. Já as de estudos livres eram as escolas para alfabetizar, com conhecimento e currículo restrito, não aberto ao professor organizar ideias que subsidiem e justifiquem suas práticas individuais educativas. Isso porque não existia naquela época uma concepção pedagógica. Evidentemente, algumas crianças, mais abastadas, tinha o privilégio de aulas privadas, com preceptores indicados por familiares, nobres e religiosos.

Com a nova concepção de família e de geração, compreendeu -se que a criança tem um desenvolvimento que necessita cuidados especiais. Anteriormente, as crianças já eram consideradas adultas a partir dos 7 anos de idade. A partir do século XVII e XVIII, com o pensamento moralizador através da literatura, surge a ideia de refletir e trazer diferentes sentimentos para texto visando atingir os leitores e as leitoras. (ARIÈS, 1981).

A concepção de criança com a nova concepção de família também foi modificada. Agora as crianças sentem que precisam de afeto no lar. O falar e o pensar da criança se tornaram restrito e passam pelo filtro de um adulto, o que antes não existia. Segundo Lajolo e Zilberman:

As primeiras obras visando o público infantil apareceram no mercado livreiro na primeira metade do século XVIII. Antes disso, apenas durante o classicismo francês, no século XVII, foram histórias que vieram a ser englobadas como literatura também apropriada à infância (...) (LAJOLO; ZILBERMAN, 2016, p. 14).

Sendo assim, o classicismo francês foi um dos pioneiros a pensar um texto para o público infantil. Dentre essas histórias estão, por exemplo, *As Aventuras de Telêmaco* (1717), de François Fénelon (1651-1715), as fábulas de La Fontaine (1668- 1694) e os contos de Charles Perrault (1628-1703) – esse último considerado o pai da Literatura Infantil, pois foi o primeiro a esquematizar o formato de fábula, denominando regras e maneiras de se escrever.

François Fénelon, antes de escrever o primeiro texto pensado para crianças, era um padre, teólogo, quando recebeu um convite pela duquesa de Beauviller para ensinar as suas filhas pequenas como se comportar. Sendo assim, o texto teria a preocupação de gênero e de comportamento feminino na infância. Fénelon, então, foi bastante maniqueísta, indicando os caminhos de como essas meninas deveriam se comportar. A partir disso, surge a característica de ser moralista nas fábulas e no texto infantil, que teria por objetivo determinar comportamentos. Com esse avanço, veio também a nova forma de pensar a educação da criança e a nova escola, surgindo também novos autores.

Ao longo do tempo, o termo literatura adquiriu muitos conceitos, e até os dias de hoje vem se modificando. Alguns desses textos literários que se tornaram consagrados são chamados de “obras canônicas”. Segundo Dias e Souza:

Se o cânone, como a origem do termo nos remete, é uma lista, tal qual o foi nos primórdios dos escritos sagrados, em que se agregam os textos construídos a partir de certos critérios e que atendem a certas expectativas de público, podemos alargar o seu alcance e dizer que temos hoje não apenas o cânone acadêmico como vigente, mas uma pluralidade deles, implicada de acordo com a intencionalidade da produção e a recepção dos leitores. (DIAS; SOUZA; 2015, p. 185).

Desta forma, assim como a definição de texto para criança, a literatura considerada canônica é a literatura que persiste, que vai além das gerações e que continua sendo atual, apesar dela excluir diversos autores e autoras. Essas obras canônicas infantis apresentam as dificuldades do mundo da criança e do adolescente e as possíveis problemáticas que devem encarar, ao mesmo tempo fornecem as soluções possíveis, sem, no entanto, perder o foco principal que é a aprendizagem e despertar a imaginação do/da seu/sua pequeno/a leitor/a. Mas para isso cabe a missão da família e do educador em despertar o gosto pela leitura. A Literatura Infantil então se valeu da sua afirmação enquanto texto formador e destinado às crianças, tornando-se uma referência, um texto canônico, através dos modelos das fábulas e dos contos, reproduzindo uma sabedoria ancestral, resgatados da cultura oral por autores como Perrault, Anderson e La Fontaine, que fizeram com que esse tipo de texto, mesmo sendo reescrito, perpassasse de geração em geração.

A Literatura Infantil, então, nada mais é de que uma fonte inesgotável de conhecimento e informação e promove reações e experimentações. Além de garantir, sem dúvidas, uma forma de contentamento, de fomentar a imaginação e gerar aprendizado na criança, através de momentos lúdicos e prazerosos, como, por exemplo, as brincadeiras, os jogos, dentre outras formas. Segundo Silva:

Os contos e histórias infantis são capazes de trazer para as crianças problemas e situações do cotidiano que muitas delas vivenciam ou já vivenciaram, fazendo com que elas se identifiquem e discutam sobre os temas abordados em sala de aula. Ao se deparar com sua própria realidade personificada nos livros a criança será capaz de ver com outros olhos seus próprios problemas e perceber que tem dificuldades e qualidades semelhantes a outras crianças o que à fara interagir e se relacionar com seus colegas, melhorando assim a convivência alunos (SILVA, 2014, p. 11).

Em suma, a literatura utiliza e recria a realidade através da arte literária. Essa arte é a criação e a representação. É preciso imaginar para representar. Desta forma, o/a autor/a mantém relações intensas entre o mundo real, sua experiência de vida, e a ficção. Sendo assim, cada um tem sua maneira interpretativa, por isso é comum encontrarmos fábulas com várias versões, dependendo do autor ou país onde foi escrito.

A literatura é um dos recursos indispensáveis para promover de fato a aprendizagem lúdica e aprazível: “ao apresentar o lado lúdico a criança, a literatura se torna uma viagem atraente e prazerosa para o imaginário” (SILVA, 2014, p. 18). Claro que para isso temos que entender o valor da literatura, porque há outras formas de ter prazer e aprender ludicamente por meio de outras expressões artísticas como pinturas, danças, músicas, dentre outras artes. Em suma, cremos que a literatura tem, entre tantas funções, a potencialidade de sintetizar a realidade, isto é, a literatura fornece à criança e ao adolescente a capacidade de se identificar com as personagens, seus dramas e suas alegrias.

É necessário lembrar que esse trabalho não tem como objetivo aprofundar-se no estudo histórico da Literatura Infantil e Juvenil, mas apenas entender a importância da mesma para criança e para o adolescente em relação a seu desenvolvimento emocional, social e cognitivo, tendo como base a obra de Lygia Bojunga.

Portanto, como já foi dito anteriormente, até antes do século XVII não se existia de maneira evidente o conceito de “infância”: a criança convivia com o mundo dos adultos, desde cedo. Passava de criança para adulto, sem viver a fase da adolescência. Além disso, não se falava sobre sentimentos, pois não se existia afeto. Mas com o passar dos séculos começaram a entender que tanto a criança quanto o adolescente têm desenvolvimentos e necessidades particulares. A partir desse novo pensamento nasceu a Literatura Infantil, surgindo com o objetivo de educar moralmente as crianças. Mas para isso houve um grande processo, envolvendo três fatores: a família, a escola e a criança. Assim, todos esses termos tiveram que ser ressignificados.

Como a Literatura Infantil é baseada na concepção de infância, a mesma está sempre em mudança, devido a necessidade de acompanhar a adequação do termo, dependendo da sociedade e cultura (ocidente e oriente; América, Europa, Oceania, África, Ásia). Deste modo, ela se adapta conforme o seu contexto, já que a definição de criança altera-se nas diferentes sociedades e durante os séculos.

Por meio da Literatura Infantil as crianças e os adolescentes podem expressar seus sentimentos e até resolverem seus conflitos pessoais; visto que ao lerem uma história, eles ou elas se identificam com os personagens e acabam reproduzindo as ações dos mesmos, por meios de brincadeiras. Pode ou não existir uma identificação entre o/a leitor/a e o personagem, que acaba fazendo com que se enxergue dentro da narrativa e consiga resolver seus problemas, baseando-se nas soluções dadas pelos personagens da história. A literatura trata esses problemas de uma maneira muito divertida e educativa, através da ludicidade.

2 A IMPORTÂNCIA DA LUDICIDADE PARA O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL, SOCIAL E COGNITIVO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

2.1 Literatura e ludicidade

O lexema “ludicidade” tem origem na palavra latina *ludus*, que significa jogar ou brincar. É uma forma de tornar prazerosa a aprendizagem. Isso acontece por meio de jogos, brincadeiras, músicas, histórias; além de outros recursos. Desse modo, o lúdico é um instrumento para fazer com que a educação não seja cansativa para criança “considerando o ponto de vista filosófico, o lúdico e as brincadeiras são realizadas como forma para contrapor ao mundo racional”, visto que a “intenção é unificar emoção e razão na ação do homem, durante o ato de brincar”. (LIMA, 2015, p. 9). Sendo assim, vocábulos como “encantar”, “envolver” e “estimular” são alguns dos benefícios fundamentais da ludicidade.

Como já foi dito, anteriormente, há muitas formas de se ter prazer e aprender ludicamente. No entanto, a literatura sintetiza a realidade, ou seja, ela possibilita que o/a leitor/a se veja dentro da história lida e aprenda a resolver seus conflitos e problemas por meio da identificação/projeção com os personagens da história. Segundo Lima:

Rousseau também entende o jogo, o lúdico, como fator importante para uma infância saudável, uma vez que através de atividades lúdicas, as crianças viverão experiências que as fortalecerão tanto fisicamente, desenvolvendo o sistema musculoesquelético, como também o desenvolvimento cognitivo, o conhecimento do mundo por meio do contato com o ambiente e com o outro. (LIMA, 2015, p. 9)

De outro modo, os momentos lúdicos são de suma importância na infância, pois os benefícios da atividade lúdicas refletirão em todos os outros estágios da vida da criança como na fase adolescente e na fase adulta. Alguns desses benefícios são o fortalecimento dos músculos esqueléticos, que podem ser resultados de jogos como, por exemplo, o futebol, o tênis, dentre outros esportes que envolvam atividades físicas. O desenvolvimento cognitivo, isto é, a capacidade de pensar e compreender são despertadas por essas atividades, bem como o conhecimento de mundo, devido ao contato com novos ambientes e o outro. Por esse motivo, “a educação lúdica precisa ser vivenciada com intensidade, que seja capaz de formar uma base firme para a criatividade e a participação na vida social, que seja suficientemente sólida de maneira a propiciar mecanismo para o exercício do viver bem (LIMA, 2015, p. 10). Sendo

assim, os momentos lúdicos devem ser aproveitados ao máximo possível, pois não contém benefícios somente para infância, mas para a vida toda.

É principalmente por meio da imaginação que a literatura trabalha a ludicidade. Como já mencionado, a recriação da realidade é feita através da arte literária. Isso faz com que o autor de uma obra ficcional se baseie em três pilares para a produção de seus textos: o seu contexto, a sua experiência de vida, e a sua imaginação. Devido a isso, para Ribas, a arte literária é:

Espaço interdisciplinar por excelência, ponto de fuga em que se tocam ansiedades humanas em princípio paradoxais, tais como fluidez e permanência, retraimento e exposição, orgulho e baixo estima, obrigação e necessidade pares tantas vezes amalgamados por uma cadeia de enganos, o ato de "criar" transita por Modelos arquetípicos, imitações infundadas, inspirações e transpirações vitais, enfim, projeções que variam do lúdico, passando pelo terapêutico, até a busca e o domínio de técnicas "novas". (RIBAS, 2000, p. 108).

Em síntese, uma das grandes características do texto infantil é lidar com o imaginário coletivo. Esse imaginário pode ser entendido como significados, costumes e lembranças de um povo. É composto por diversas partes como símbolos, conceitos, memórias, ideologias, representações sociais, entre outros fatores. E são as obras dos pioneiros da Literatura Infantil que guardam diversos aspectos desse imaginário coletivo. Todavia, esse ato de imaginar e de ter a capacidade de criar novas histórias, como já referido, virão principalmente, a partir da influência da família e da escola. Para Santos, Barbosa, Silva e Ribeiro, essas duas instituições devem trabalhar em conjunto para o melhor desempenho da criança e do adolescente:

A educação é um processo adquirido em longo prazo e sobretudo uma troca. Escola e família devem ser parceiros e ter os mesmos objetivos. As duas instituições trabalhando juntas favorecem no desenvolvimento das crianças e dos adolescentes enquanto seres em transformações. (SANTOS; BARBOSA; SILVA; RIBEIRO, 2019, p. 2).

Desse modo, é em conjunto que a escola e a família contribuem para o desenvolvimento da criança e do adolescente, através da cooperação entre ambas as instituições. Tanto a escola quanto a família devem estimular o desejo pelo conhecimento.

Como já referido, a criança é um ser humano com suas próprias características e particularidades, e de modo algum deve ser tratada como incapaz ou sem serventia. Pelo contrário, a família deve lhe mostrar que ela tem, sim, capacidade em lidar com seus problemas e que pode resolvê-los. E a escola deve mostrar os caminhos de como essa criança deve superar suas dificuldades. Daí a importância de ambas as instituições trabalharem juntas. Segundo Barbosa, Silva e Ribeiro:

Talvez hoje, a imagem da criança continua sendo considerada por alguns um ser ingênuo, imaturo, indefeso, enfim, uma pessoa que não sabe o que faz, e acabamos

escondendo de nós mesmos a verdadeira identidade de uma criança, tanto no âmbito educacional, quanto social e cultural (SANTOS; BARBOSA; SILVA; RIBEIRO, 2019, p. 3).

Isto é, dizer que uma criança é incapaz de realizar algo irá provocar nela uma série de fatores que irão prejudicar seu desenvolvimento na escola, na socialização com as pessoas e na busca de novos conhecimentos. Isso porque a criança vai achar que é impossível lidar com os seus problemas sozinha e que precisa sempre ter o auxílio de alguém quando for realizar algo. Ao contrário disso, a família deve incentivar a criança a ir em busca do que deseja, e se libertar de seus medos, dizer-lhe que ela é capaz do que quiser, basta ter esforço e dedicação. No entanto, a criança necessita também do afeto, deve-se demonstrar que ela é capaz, mas é necessário também prestar apoio no que ela não consegue realizar. Até porque, como já mencionado, temos que entender que ela está na fase infantil, e não tem a mesma força e habilidades semelhantes às de um adulto.

Cabe também a escola mostrar a criança que ela tem capacidade para conseguir realizar seus objetivos através do aprendizado e do desenvolvimento de suas capacidades cognitivas. Porém, é de acordo com o seu ciclo de vida que ela vai adquirindo essas habilidades. Um dos principais meios para adquirir estas competências é através da literatura. Segundo Antônio Cândido:

A função da literatura está ligada à complexidade da sua natureza, que explica inclusive o papel contraditório mas humanizador (talvez humanizador porque contraditório). Analisando-a, podemos distinguir pelo menos três faces: 1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; 2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; 3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente. (CÂNDIDO, 2014, p. 5).

De outra maneira, a literatura tem o poder de humanizar, acolher. Através da literatura a criança e o adolescente expressam seus sentimentos, dores e sofrimentos ocultos e encontram a resolução de problemas e conflitos internos por meio da leitura de obras. A partir da leitura, além de manifestar suas emoções, tanto a criança quanto o adolescente adquirem uma visão e conhecimento de mundo. É como se a literatura mostrasse, inconscientemente ou não, o caminho que o/a leitor/a deve seguir. Isto é, como se absorvesse a visão que indica que princípios básicos devem ser preservados e para qual futuro se deve progredir.

A ludicidade, portanto, é um dos principais meios no qual a literatura trabalha a compreensão da realidade. É por meios de brincadeiras que crianças e jovens se expressam e libertam-se de suas angústias. A imaginação, então, é um dos quesitos fundamentais. É preciso imaginar para depois expressar. Essa capacidade de pensar e expressar é a arte literária de criação e representação.

2.2 Arte literária: imaginação, criação e representação na Literatura Infantil

A literatura é uma das seis formas de expressão artística. Dentre elas estão música, dança, pintura, escultura, teatro e cinema. Ao longo dos séculos, os seres humanos foram desenvolvendo diversas modalidades de manifestações, e a ficção é uma das suas fontes principais. Além de, como já mencionamos, a literatura resguardar a nossa memória, registrar e representar a nossa cultura e a nossa história, ela é muito importante para as crianças, porque auxilia no desenvolvimento do raciocínio e do desenvolvimento psicológico e artístico. Para Trujillo, diferentemente das outras manifestações artísticas:

A obra de arte literária possui características que lhe são próprias e a diferenciam de outras espécies e finalidades discursivas como são as composições didáticas, historiográficas, filosóficas, técnicas e cujo propósito é estabelecer a comunicação direta entre sujeitos que partilham uma mesma competência linguística. Cada tipo de discurso é definido por caracteres intrínsecos que constituem a sua “natureza”, e a obra literária é composta por um conjunto de fatores que permitem identificá-la como sendo de natureza complexa (TRUJILLO, 2009, p. 18).

De outra forma, podemos dizer que a literatura é a arte da palavra. Porém, diferente das demais expressões artísticas, a literatura carrega alguns elementos que são essenciais como a comunicação, o aspecto social, o prazer, a linguagem e a imaginação. A literatura possibilita nos comunicarmos através de elementos literários, como os romances, que expressam, por exemplo, sentimentos e indignações. Para além, a literatura ajuda a desenvolver a linguagem e pensamento sistemático escrito, bem como o raciocínio lógico, emocional e imaginativo. Devido a isso, podemos identificá-la como sendo de natureza complexa. Ainda segundo Trujillo:

Essa possibilidade de explorar os mais diversos aspectos da vida humana foi tornando a arte literária cada vez mais complexa, elevando-a a um patamar de instrumento educativo por excelência e os poetas, naturalmente, assumiram um lugar de destaque na sociedade (TRUJILLO, 2009, p. 19).

A arte literária, portanto, está relacionada com a leitura, a análise e a interpretação de textos, por isso que é considerada a arte da palavra. A leitura de textos ficcionais pode ou não provocar no/a leitor/a alguns efeitos que permitem sair do mundo real e alcançar o universo da fantasia. Então, como as outras artes, a literatura não tem o poder de modificar a realidade imediata dos/as leitores/as, mas é capaz de fazer com que modifiquemos nossos comportamentos. Isso porque, ao mesmo tempo que nos provoca reflexão, ela, por vezes, expõe algumas de nossas inquietações, principalmente a partir das construções simbólicas.

A essência da arte literária está principalmente nas palavras, no sentido sonoro, sintático e semântico, estabelecendo uma relação entre leitor/a e o texto. O trabalho com as palavras pode ser realizado tanto no sentido denotativo, isto é, quando a linguagem está sendo empregada em seu sentido real, quanto no conotativo, quando a linguagem está sendo usada no sentido figurado ou não literal.

Através da literatura as crianças desenvolvem o seu universo vocabular, enriquecendo a linguagem. Na leitura de um cordel, por exemplo, vemos a linguagem popular do Nordeste através das gírias e das expressões da região. Sendo assim, quanto mais leitura, melhor se compreende o uso da língua, tanto na sua versão formal e acadêmica quanto na coloquial e popular, aprendendo a valorizar as duas formas e a utilizá-las de maneira correta, conforme os tipos de textos e os objetivos linguísticos.

Outra questão é a função social, ou seja, o olhar a partir da sociedade. A literatura pode ou não estar questionando sobre os problemas que ocorre na sociedade, capitando os anseios de seu tempo e discutindo novas forma de comportamentos.

A literatura também provoca o prazer, pois é também um modo de entretenimento. Mas uma das coisas mais interessantes da função da literatura é a imaginação. A leitura de histórias ajuda as crianças a fantasiar, a criar, ter a possibilidade de olhar para o mundo de outra forma e, muitas vezes, de maneira poética; isto é, enxergar de maneira subjetiva, com possibilidade de reinterpretação de diversas realidades. Ao ler ou ouvir uma história, as crianças provavelmente sentem os medos e as aflições dos personagens. Além disso, imaginam as cenas que estão se passando na história, como, por exemplo, alguns cenários, como os castelos, as florestas etc.

Através desses momentos lúdicos, como já dito, as crianças e adolescentes se libertam de seus conflitos, além de adquirir novos conhecimentos da melhor forma possível, com prazer e diversão. Por isso, para Cândido, “as produções literárias, de todos os tipos e todos os níveis, satisfazem necessidades básicas do ser humano, sobretudo através dessa incorporação, que enriquece a nossa percepção e a nossa visão do mundo” (CÂNDIDO, 2014, p. 6). Isto é, a literatura faz com que o leitor imagine e promova a capacidade de recriar e pensar em determinados temas a partir de um texto ficcional, levando a descoberta de outras percepções (realidades).

Segundo Maurício e Manguiera, o filósofo Gilles Deleuze considera que o modo e o ato de pensar encontra-se relacionado a um procedimento inventivo. Com isso, ele restituiu ao pensamento sua potência criadora:

Deleuze considera que um pensamento possui certas coordenadas ou eixos de orientação que permite associá-lo a um determinado modo de funcionamento. Isto significa dizer que essas coordenadas originam imagens do que seria o pensamento, sua natureza ou finalidade. O privilégio atribuído a esta problemática tinha como

motivo principal o fato de que para Deleuze essas imagens forneceriam de antemão uma determinada concepção do pensamento, orientando não somente o pensar, mas também a produção do conhecimento nos mais diversos domínios como a ciência, a arte e, principalmente, a filosofia. Uma imagem seria então um conjunto de coordenadas que não somente orientariam um pensamento, mas que norteariam também as suas possibilidades de criação. (MAURÍCIO, 2011, p. 1).

Em outras palavras, para Deleuze, o pensamento possui instruções que permite com que tenha um determinado modo de funcionamento. Essas orientações levam o cérebro a criar imagens do que seria esse pensamento. E as imagens não são somente a expressão do pensamento, mas também a produção do conhecimento nos mais diversos domínios, como a ciência, a arte e, principalmente, a filosofia. As imagens também seriam pistas que orientam a um novo pensamento, mas que norteiam também as suas possibilidades de criação.

Esse pensamento de Deleuze é bem parecido com o pensamento sobre a Literatura Infantil. Isto porque, como já mencionamos aqui, quando uma criança lê ou escuta uma história, seu cérebro começa a transformar aquilo em imagens. A criança começa a imaginar como seriam os personagens, o cenário onde se passa a narrativa. A partir disso, ela provavelmente começa a imaginar novas histórias, tendo como referência as imagens que o cérebro produziu, expressando isso através, por exemplo, de brincadeiras. Devido a isso, as crianças adquirem muitos conhecimentos, pois elas expressam o que entenderam sobre a história. Sendo assim, por meio das brincadeiras é possível descobrir diversas coisas sobre o universo infantil, principalmente suas emoções e seus sentimentos ocultos. Desta forma, a literatura cria modos de representar o mundo e a realidade por meio da imaginação.

2.3 Breve contextualização sobre a vida e obra de Lygia Bojunga

Antes de partir para a análise da obra *A Bolsa Amarela* é necessário, primeiramente, compreender a vida e o universo infantil descrito por Lygia Bojunga, a fim de compreender a temática abordada por ela em suas obras e como isso contribui para educação infantil e juvenil.

Lygia Bojunga é uma escritora brasileira de Literatura Infanto-juvenil. Nasceu em Pelotas, Rio Grande do Sul, no dia 26 de agosto de 1932. Foi a primeira autora brasileira a receber o Prêmio Hans Christian Andersen, o mais importante prêmio literário da Literatura Infanto-juvenil mundial. Com 8 anos de idade, Lygia mudou-se para o Rio de Janeiro com sua família. E em 1951, entrou para companhia de teatro “Os Artistas Unidos”, passando a atuar como atriz de rádio, além de participar de programas de televisão. No entanto, abandonou os palcos, e passou 10 anos escrevendo para rádio e televisão.

Em 1971, recebeu o prêmio de um concurso de Literatura Infantil do Instituto Nacional do Livro com sua primeira experiência literária, “Os Colegas”, que só foi publicado em 1972. Após isso, Lygia conquistou o público, continuando a escrever obras como, *Angélica* (1975), *A Bolsa Amarela* (1976), *A Casa da Madrinha* (1978), *Conda Bamba* (1979) e o *Sofá Estampado* (1980). Uma de suas obras mais famosas é *A Bolsa Amarela*, a qual será objeto de estudo do nosso trabalho.

A temática abordada por Lygia, em suas narrativas, envolve temas tabus, ou seja, temas polêmicos, geralmente discriminados pela sociedade, principalmente sobre crianças e jovens.

Segundo Queirós:

É com sensibilidade singular e trabalho estético potente que Lygia Bojunga realiza um percurso magistral ao apresentar os temas-tabus aos seus leitores, sendo que esse trabalho é feito a partir de um dos caminhos que considero o mais importante quando falamos acerca da literatura infantil e juvenil: a imaginação. (QUEIRÓS, 2019, s. p).

De outra forma, é possível perceber que Lygia Bojunga tem uma maneira única e distinta em seus trabalhos, na qual utiliza de uma linguagem descontraída para falar de temas tão sérios e muito importantes a respeito da criança e do adolescente, mas de uma maneira divertida e empolgante, através da ficcionalização.

Em *A Bolsa Amarela*, Bojunga conta a história de uma menina chamada Raquel que está numa fase de transição para a adolescência. Como toda criança, Raquel é cheia de sonhos e de desejos. No entanto, na sua casa, essas suas vontades parecem não ter importância, seus familiares não ligam muito para seus desejos, justificando que ela é apenas uma criança. Raquel se sente muito rejeitada pelo seus pais, irmãos, ou seja, por toda a família.

Como Raquel tinha muitos desejos e sua família não liga para isso, ela começa a reprimi-los, entrando em conflito consigo mesma. Até que um dia sua família recebe uns presentes de sua tia rica. No meio desses presentes vem uma “Bolsa Amarela” que ninguém gostou, mas Raquel acaba por se afeiçoar e amar demasiado essa bolsa e diz que ficará com ela. Todos aprovam sua escolha, pois achavam a Bolsa feia e não viam mal algum o tal objeto ficar com a criança da casa. Ela passa então a guardar todos os seus três desejos na bolsa: o de crescer, de ser menino e de ser tornar escritora.

Quando seus desejos ficam muitos fortes, Raquel escreve algumas histórias, como forma de aliviar o que ela estava sentindo. Dentre essas histórias, está a do Galo Rei, que depois se chamará Afonso, do Alfinete de Fraldas, da Guarda-chuva e da Casa dos Concertos.

3 A REPRESENTAÇÃO DO LÚDICO NA OBRA *A BOLSA AMARELA*

3.1 A obra e o contexto histórico da época

A obra *A Bolsa Amarela* foi publicada, primeiramente, em 1976. Nessa época o país estava marcado pela ditadura, repressão e censura. Como determinados assuntos eram proibidos de ser comentados nesse período, vários autores usavam de suas obras para denunciar e discutir temas até então interditos. No entanto, esses autores e autoras falavam sobre esses assuntos indiretamente, usando de metáforas e ironias para exporem suas opiniões. Lygia Bojunga fez partes desses autores/as. Em sua obra, *A Bolsa Amarela*, Lygia discute temas como liberdade, família e respeito. O livro demonstra como era complicada a vida de uma criança e de um adolescente na época da ditadura e, principalmente, a vida de uma menina, tendo em vista os preconceitos e as desigualdades sociais.

A ditadura foi o período em que o poder do Estado foi liderado por membros das forças armadas. Nessa época, houve muita violência, prisões arbitrárias, torturas, estupros e assassinatos. Além disso, ocorreu uma série de repreensões, inclusive sobre as manifestações a respeito dos direitos trabalhistas. Nesta altura, foram também pensadas e questionadas políticas sociais sobre a questão da criança e do adolescente.²

Lygia Bojunga também refere a desigualdade de gênero tanto no âmbito social quanto no familiar. Isso é uma questão latente inserida fortemente durante a ditadura militar no Brasil, visto que a mulher é menosprezada pela sociedade e esse preconceito reverbera até os dias de hoje:

Homens e mulheres são educados/as, desde crianças, para a masculinidade e a feminilidade, de acordo com seu sexo social, associando a subjetividade de gênero a determinadas atividades, lugares e papéis a serem desempenhados no mundo. Geralmente, associa-se o mundo público, da política e da competitividade do trabalho assalariado, atividades e operações complexas que exigem maior inteligência, ao universo dos homens; enquanto que as mulheres são associadas à domesticidade, à maternidade, a objeto de satisfação do homem, a uma vida em função do outro, sendo assim desvalorizadas. Já nascem em um mundo que esperam delas verdadeiras “donzelas” a desempenharem determinadas funções ligadas ao lar, ao cuidado do futuro esposo. (LONGO, BARROSO, 2017, p. 30)

De outra maneira, a desigualdade de gênero vem desde o berço, e refere-se a diferença de poder entre homens e mulheres ou meninos e meninas, tanto nos âmbitos econômico e/ou

² Os menores eram considerados problema social não só quando em situação de abandono ou em caso de infração, mas dada a condição de pobreza primordial para sua existência enquanto sujeitos eram também vistos como problema em potencial, pois não só poderiam ligar-se a doutrinas de esquerda, como também tornarem-se “delinquentes”, ameaçando a segurança pública e elevando níveis de criminalidade (CARDOSO, 2015, p. 550).

político quanto no educacional ou cultural. Isto porque no mundo público são ditados quais são as funções que um homem deve assumir e quais as funções que uma mulher deve ou não assumir. Tendo em vista acreditar-se que o homem tem mais capacidade e inteligência para assumir certos cargos do que as mulheres. Ainda por cima, associa-se aos homens o universo público, enquanto as mulheres são associadas às atividades de lazer, reprodução e satisfação masculina. Esse preconceito também circula no ambiente escolar, no qual meninas e meninos têm brinquedos específicos para se brincar; meninos não podem brincar com brincadeiras de meninas, nem meninas com as de meninos. Isso é visivelmente notado até os dias de hoje, tanto no ambiente corporativo, na esfera pública, quanto em ambientes familiares.

Bojunga aborda as questões de gênero através de uma aventura que envolve seres fictícios que ajudam Raquel (personagem que se sente reprimida pela família) a encontrar uma nova forma de estar no mundo. Devido a esse trato delicado e subjetivo com que Lygia trabalha esses temas tão sérios, a leitura se torna divertida e prazerosa, principalmente devido a mistura do real com o imaginário.

As questões sobre desigualdades de gêneros são discutidas por meio do personagem Rei, um galo que possui habilidades próprias dos seres humanos como raciocínio e a linguagem. Por meio dele, Raquel expõe sobre preconceitos em relação ao gênero feminino, tanto no ambiente familiar quanto na escola e na sociedade.

Rei é descrito pela protagonista como sendo um galo muito bonito, mas que tinha desejo de largar a vida de galo. O personagem morava em um galinheiro com quinze galinhas e odiava ter que mandar em todas elas. As galinhas não faziam absolutamente nada se Rei não as comandasse. Devido a isso, ele não era feliz, pois seu pensamento era totalmente diferente do que as galinhas acreditavam. Para o personagem, cada um deveria ter direitos iguais de escolher o que deve ou não fazer, sem ter a intervenção de outrem. Porém, no galinheiro a situação era bem diferente. Os donos do Rei e das galinhas já haviam determinado desde cedo quais funções cada um deles deveria assumir. Segundo Nascimento e Segabinazi (2016), assim como o galo e as galinhas que já nasceram com suas vidas premeditadas, também ocorre nas relações humanas, quando, por exemplo, meninos e meninas ao nascerem já recebem regras prescritas sobre ações e ocupações na sociedade, definidas especificamente pelo sexo.

Os outros personagens que virão após Rei reforçarão ainda mais essa problemática. Porém, mostrarão caminhos de como solucionar ou simplesmente amenizar essa questão, como é o caso da Guarda-Chuva, do Carretel de Linha Forte e de Terrível.

Porém, antes de falarmos mais detalhes sobre esses personagens, iremos discutir o título da obra *A Bolsa Amarela* e sobre escolha do uso da referida cor que a nomeia, buscando com isso compreender a importância das cores para universo infantil e juvenil.

Ao ler o título da obra *A Bolsa Amarela* a primeira coisa que vem à mente é o porquê da cor da Bolsa ser amarela. Com isso, pensamos em duas hipóteses: a cor pode ter sido escolhida aleatoriamente ou ter alguma coisa relacionada aos sentimentos do personagem Raquel, que estão escondidos dentro da Bolsa.

É perceptível que as cores não servem apenas para chamar atenção, mas carregam consigo um significado, visto que podem representar um estado de ânimo, sentimentos e emoções ou ter influência sobre o comportamento e o bem-estar dos personagens:

Com base nessa propriedade, faz-se uso de cores para indicar condições diversas: perigo, atenção, qualidade de alimentos, acidez e alcalinidade em experimentos químicos e outras. Essas associações, segundo o estudo, dependem de diversos aspectos: geográficos, culturais (WITTER; RAMOS; 2008, p.38)

De outra maneira, as cores podem significar condições diversas. Dependendo da situação, pode representar uma alerta. O amarelo, no seu significado mais comum, nos remete a descontração, otimismo, alegria, prosperidade e a felicidade.³ No entanto, o que *A Bolsa Amarela* carrega é completamente ao contrário. O que Raquel guarda na bolsa são sentimentos de angústia, sofrimento e repreensões. Apesar disso, percebemos que a cor tem muita relação com as vontades escondidas na Bolsa. Essa relação entre os sentimentos ocultados e a cor amarela da Bolsa está atrelada ao fato de Raquel tentar a todo custo esconder suas três vontades, e não querer de modo algum que sua família saiba o que tem dentro da bolsa:

Eu tenho que achar um lugar pra esconder as minhas vontades. Não digo vontade magra pequenina, que nem de tomar sorvete toda hora, dar sumiço da aula de matemática, comprar um sapato novo que não aguento o meu. Vontade assim todo mundo pode ver, não tô ligando a mínima. Mas as outras, as três que de repente vão crescendo e engordando toda a vida, ah, essas eu não quero mostrar. De jeito nenhum (BOJUNGA, 2016, p. 9).

Como a cor amarela tem o significado completamente diferente do que os sentimentos que estão dentro da Bolsa, esta é a forma perfeita de camuflar mais ainda suas vontades, pois “o emprego da cor leva a pessoa frequentemente a considerar mais o aspecto estético da imagem do que a mensagem nela contida” (WITTER; RAMOS, 2008, p. 40). Isto é, se formos olhar pela beleza da concepção da cor da Bolsa, a impressão que iria gerar é a de que ela carrega

3

Fonte:
<https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://www.significados.com.br/coramarela/%23:~:text=3DA%2520cor%2520amarela%2520significa%2520luz,e%2520que%2520desperta%2520a%2520criatividade.&ved=2ahUKEwi08bP7i5ryAhWaqpUCHe2IDEUQFnoECAMQBQ&usq=AOvVaw1TGc9rsUw0G8B23Lkm216&csid=1628173785035>. Acesso em 6 de agosto de 2021.

sentimentos bons e de alegria, o que é absolutamente ao contrário. Como Raquel quer ocultar suas vontades, *A Bolsa Amarela* foi o lugar ideal para isso. A escolha da cor, portanto, foi a forma que a autora usou para falar com profundidade, como Raquel sentia necessidade em esconder de forma segura suas vontades e desejos.

Essa, como já citamos, é uma das características dos textos de Lygia Bojunga, a maneira descontraída que ela trabalha com temas tão sérios e importantes. *A Bolsa Amarela* é uma forma de refletir sobre a importância de conversar e ouvir as crianças, pois muitas vezes elas ocultam sentimentos que as afetam psicologicamente, por falta de alguém para lhe dar apoio emocional quando necessário, como é o caso da personagem Raquel. A Bolsa e a cor que ela apresenta é um modo sutil que Lygia usou para demonstrar que nem sempre a expressão de fora representa o que tem dentro,⁴ por isso é necessário estar atento a todos os pequenos detalhes, principalmente quando se trata de crianças e de adolescentes.

A obra *Bolsa Amarela* pode ser lida e interpretada de diferentes formas, pois carrega consigo uma singularidade de significados. Como a análise de um livro depende do conhecimento de mundo de cada pessoa, já é de se esperar que tenha múltiplos resultados. Assim, antes de partir para análise e exposição sobre a obra, é de sua importância enquanto representação do ludismo fazermos uma breve apresentação sobre os personagens que serão objetos de análise:

- 1 Raquel- personagem principal
- 2 André- amigo imaginário
- 3 Lorelai- amiga Imaginária
- 4 Fecho- acessório comprado por Raquel para fechar a bolsa
- 5 Galo Rei- era obrigado a mandar nas galinhas do galinheiro, mas não gostava de fazer isso. Rei também procura uma “ideia”. Mas tarde passará a se chamar Afonso.
- 6 Alfinete de Fraldas- encontrado na rua por Raquel. Mora no bolso Bebê.
- 7 Guarda-Chuva- presente que Terrível dá para Raquel.
- 8 Terrível- galo de briga com o pensamento “costurado”.

⁴ “Isso é exatamente o que acontece com Raquel que, por se sentir repreendida, esconde seus desejos dentro da bolsa amarela por meio do processo de personificação, ora numa espécie de apólogo, ora numa espécie de fábula, com características humanas por vezes semelhantes com as quais ela gostaria de ser. Por isso, o brinquedo e a imaginação a libertam da realidade opressora que a menina Raquel vive.” (OLIVEIRA; CAETANO; 2017, p. 27)

9 Casa dos Consertos- lugar onde a protagonista aprende a se aceitar, e consegue uma solução para seus conflitos.

A obra possui o seguinte enredo: Raquel, a personagem principal, quer a todo custo esconder suas vontades. Isso porque essas vontades não são comuns como as que normalmente as crianças sentem diariamente. As vontades da protagonista são “gordas” e conforme o tempo passa elas vão “crescendo” e “engordando” cada vez mais. Raquel possui três vontades: de crescer, de ser garoto, e de se tornar escritora, e tenta de tudo para se livrar dessas vontades, porém não consegue.

Um dia, a protagonista começa a pensar no que seria quando crescesse, e resolve que vai ser escritora. Começa então a escrever cartas para seu amigo imaginário, André, que lhe responde com poucas palavras. No entanto, quando seu irmão descobre que ela está escrevendo para um menino, fica muito furioso e lhe dá uma bronca. Raquel tenta explicar que André foi apenas uma criação sua, mas seu irmão não acredita e lhe diz para parar de escrever.

Raquel, então, começa a escrever para outra amiga imaginária, chamada Lorelai, as duas planejam uma forma de fugir, pois não aguentavam mais aquela vida, visto que não tinham paciência e não lhes davam atenção. Dessa vez, é a irmã de Raquel que vê as cartas e fica muito brava e dá-lhe um puxão de orelha. A protagonista, ainda tenta explicar que Lorelai é inventada, mas sua irmã não acredita e faz queixa para seu pai, que também lhe dá uma bronca. Por fim, Raquel desiste de escrever cartas.

Com o passar dos dias refletindo, Raquel resolve voltar a escrever. Decide que vai escrever um romance, até porque, segundo ela, romance é uma coisa inventada e ninguém ficaria brava com ela por isso.

Quando Raquel termina o romance sobre um galo chamado Rei, alguém a chama para ir ao cinema. Ela sai correndo e deixa o romance no quarto. Quando regressa, Raquel descobre que todo mundo leu a sua história e, ainda por cima, ficaram lhe zoando, dizendo-lhe que só escreve “besteiras”. Triste e com raiva, Raquel rasga o romance, e decide que a partir daquele dia não escreveria mais nada.

Certo dia, seu irmão chega em casa com embrulhos grandes. Eram presentes de sua tia Brunilda, que, segundo Raquel, enjoava muito rápido das coisas que comprava, por isso distribuía para sua Família. Dentre os objetos, estavam acessórios e roupas usadas. No meio dos presentes, sobra para Raquel uma Bolsa Amarela velha, que todos pegaram, mas ninguém gostou. Por isso fica para ela.

A Bolsa era o lugar perfeito para Raquel esconder suas vontades. Tinha vários Bolsos, assim dava pra esconder várias coisas lá dentro. Como a Bolsa não tinha fecho, Raquel compra

um para ficar a Bolsa ainda mais segura. Assim como o fecho, outros personagens vão surgindo, como, por exemplo, o Galo Terrível, a Guarda-Chuva, o Carretel de Linha Forte, e o Alfinete de Fraldas. Todos esses personagens possuem vontades e desejos semelhantes aos de Raquel. E ambos lutam para que esses desejos sejam realizados. Tudo termina na Casa dos Concertos onde todos os conflitos são resolvidos.

3.2 O Ludismo na interação com os personagens

É na criação e interação de Raquel com os demais personagens que percebemos a presença do ludismo na obra. Além disso, cada personagem surge com um propósito, suas opiniões e reações condizem com os sentimentos e pensamentos do personagem Raquel. Ela usa da imaginação para aliviar suas angústias e carências, expressando isso por meio da criação de amigos imaginários. Imaginar é uma forma de brincar. Tendo em vista que as brincadeiras e “ludicidade são atividades livres com as quais a criança tem a possibilidade de escolher o que ela quer fazer”. (CARMO; VEIGA; CINTRA; LIMA, 2017, p. 8). Desta forma, tudo que entreter, envolver e divertir são atividades lúdicas. Assim, qualquer coisa pode virar brincadeira na imaginação de uma criança e de um adolescente.

Segundo Domingues e Niederauer, “a criança, por natureza própria, tem a característica da fantasia, ou seja, sua mente é animista e transfere isso para sua vida, através de brincadeiras com objetos, animais ou pessoas” (DOMINGUES; NIEDERAUER, 2005, p. 144). Ou seja, a criança já nasce com a capacidade de imaginar, e expressa isso por meio das brincadeiras. Além do mais:

A brincadeira pode ser tanto coletiva quanto individual. Ela não precisa necessariamente de regras, podendo dar a criança mais liberdade, fazendo com que ela escolha se terá regras e quais serão se quer modificar ou ausentar podendo também inserir/envolver mais/novos membros. (LEMES; LOPES; NINA, 2018, p. 5).

Em outras palavras, as brincadeiras podem acontecer tanto individualmente quanto de maneira coletiva, em grupos. O fato de às vezes brincadeiras não terem regras é o que a torna ainda mais prazerosa e divertida, fazendo com que a criança escolha brincar da forma que mais lhe agrada. As crianças podem, portanto, criar, imaginar, inserir ou retirar o que quiser em suas brincadeiras. É isso que a protagonista faz: ela cria e recria as histórias e tem domínio sobre qualquer personagem.

Como dito anteriormente, na obra de Bojunga há uma mistura entre o real e o fictício através do uso do recurso, por exemplo, de uma figura de linguagem, a prosopopeia ou personificação,⁵ como é o caso do Alfinete de Fraldas, e a Guarda-Ghuva. Alguns personagens adquirem características que não lhe são próprias, como falar, que é o caso do galo Rei e do galo Terrível. Esse tipo de recurso de figura de linguagem sempre foi muito utilizado nas fábulas, desde o século XVIII, e Bojunga traz para a sua obra ressignificando de maneira maestral para a literatura brasileira.

Na história, o primeiro personagem a aparecer é André, amigo imaginário de Raquel. André surge quando a protagonista começa a sentir uma vontade muito grande de ser escritora. A partir disso, ela começa a brincar de escrever cartas para André. Na primeira carta, é perceptível como Raquel sente necessidade de ter alguém para conversar e falar sobre si, desabafar: “Prezado André. Ando querendo bater papo. Mas ninguém está a fim. Eles dizem que não têm tempo. Mas ficam vendo televisão. Queria te contar minha vida. Dá pé”? Um abraço da Raquel” (BOJUNGA, 2016, p. 10). Raquel percebe que a ausência da família para com ela não é por falta de tempo, mas de amor e afeto.

Como já mencionado, Raquel tem total controle sobre os personagens que cria. As cartas são escritas e respondidas por ela mesma, visto que ela é também autora e personagem da sua própria narrativa. Para dar uma ideia mais real de que tem alguém interagindo com ela, Raquel escolhe o local e o dia em que as cartas são respondidas: “no outro dia quando fui botar o sapato, achei lá dentro a resposta: Dá. André.” (BOJUNGA, 2016). Era resposta de André confirmando que podia, sim, bater um papo com Raquel.

Através das cartas que Raquel escreve é possível observar várias questões sobre ela e sua família. Na segunda carta de Raquel para André é possível notar uma referência à desigualdade de gênero: “Um dia perguntei pra elas: ‘Por que é que a mamãe não tinha mais condições de ter filho?’ Elas falaram que a minha mãe trabalhava demais, já tava cansada, e que também a gente não tinha dinheiro pra educar direito três filhos, quanto mais quatro.” (BOJUNGA, 2016, p. 11). Nesse trecho, em que Raquel descreve que sua mãe “trabalhava demais”, mas “não tinha dinheiro para educar direito três filhos, quanto mais quatro”, temos duas informações importantes: a primeira é que Raquel é de uma família de classe desfavorecida. A segunda, se analisarmos bem, podemos ver uma relação desigualdade feminina. Considerando que, durante um bom tempo, as mulheres foram privadas de trabalhar fora de casa e de ter autonomia. Quando, finalmente, as mulheres passaram a ocupar um lugar de destaque social, nem mesmo assim, mesmo nos dias atuais, observamos uma equiparação

⁵ Figura de linguagem também muito utilizada em textos diversos gêneros literários, bem como em composições musicais.

nos cargos e funções ocupados na sociedade, nem tampouco no mercado editorial e de livros no Brasil.

Outra parte em que mostra essa desigualdade de gênero é quando Raquel está explicando para seu irmão que André é um amigo imaginário que ela criou. Seu irmão havia ficado muito bravo ao ver as cartas que Raquel escrevia para André, principalmente porque era um menino e não menina. Raquel explica que escolheu um menino porque achava muito melhor ter um amigo homem do que uma mulher. Segundo ela, os meninos têm mais direitos que as meninas. A protagonista cita como um exemplo disto as brincadeiras da sua escola:

Vocês podem um monte de coisas que a gente não pode. Olha: lá na escola, quando a gente tem que escolher um chefe pras brincadeiras, ele sempre é um garoto. Que nem chefe de família: é sempre o homem também. Se eu quero jogar uma pelada, que é o tipo do jogo que eu gosto, todo o mundo faz pouco de mim e diz que é coisa pra homem; se eu quero soltar pipa, dizem logo a mesma coisa. É só a gente bobear que fica burra: todo o mundo tá sempre dizendo que vocês é que têm que meter as caras no estudo, que vocês é que vão ser chefe de família, que vocês é que vão ter responsabilidade, que - puxa vida! - vocês é que vão ter tudo. Até pra resolver casamento - então eu não vejo? - a gente fica esperando vocês decidirem. A gente tá sempre esperando vocês resolverem as coisas pra gente. Você quer saber de uma coisa? Eu acho fogo ter nascido menina. (BOJUNGA, 2016, p. 16).

Esse depoimento de Raquel confirma que as crianças têm noção e capacidade para entender o que se passa à sua volta. Raquel, mesmo sendo criança, entende que há desigualdade de gênero nas brincadeiras de sua escola. Ela compreende que a menina está sempre em uma “posição” inferior ao menino. Até mesmo dentro do ambiente familiar, no qual o chefe é, na maioria das vezes, o homem. Quando a narrativa refere “eu não vejo”, Raquel está indicando que tem a mesma capacidade de um menino, e que não precisa ter o auxílio de um para realizar algo.

Em outra carta que Raquel escreve para André, ela nos mostra que a desigualdade de gênero é, muitas vezes, causada pelas próprias garotas, que se deixam ser submissas pelos meninos. A frase da irmã mais moça de Raquel justifica isso: “Eu sou tão bonita que não preciso trabalhar nem estudar: tem homem assim querendo me sustentar; posso escolher à vontade” (BOJUNGA. 2016, p. 13). Raquel, por ser mais nova, já tem consciência de que o pensamento da sua irmã foi influenciado por outros. Isso se confirma quando a protagonista diz: “Essa irmã que eu tô falando é bonita pra burro, você precisa ver. Nem sei o que é que ela é mais: se bonita ou mascarada” (BOJUNGA. 2016, p. 13). Neste trecho, o termo “mascarada” é o mesmo que “olhos vendados”, se refere a falta de conhecimento de sua irmã. Isto é, a dificuldade de compreender que ser sustentada por um homem não é vantajoso, é submissão. É colaborar com o preconceito e a desigualdade de gênero. A palavra “mascarada” também significa que esse discurso não é dela, mas da sociedade, que impõe desde cedo como uma mulher deve agir em

relação ao poder masculino. Lembremos que tanto os homens quanto as mulheres são afetados pelo machismo estrutural, que é uma ideia sedimentada, socialmente e culturalmente, tão forte que quando nascemos essa pensamento já é perpassado e intrinsecamente o sujeito vai introjetando esses preconceitos.

Por meio da brincadeira de ser escritora, Raquel nos mostra muito sobre o contexto social e a situação em que vive. Na obra, a vontade de ser ouvida, e o fato dela ser punida por dar sua opinião sobre algo ou alguém, como quando fala de sua irmã mais moça, nos relembra a ditadura militar, período no qual as pessoas foram proibidas de manifestar suas opiniões sobre determinados assuntos, caso não cumprissem essa imposição eram castigadas. Por isso, algumas pessoas usavam das narrativas para denunciar e discutir os seus direitos. Assim, por meio da literatura era possível manifestar opiniões sem serem banidas, tendo em vista o caráter metafórico dos textos ficcionais. De acordo com a carta de André para Raquel, Lygia deixa evidente que é isso que ela está fazendo no romance:

(...) Se você inventa uma história com gente que não existe, aposto que ninguém liga. Teu pessoal só fica chateado porque no meio da invenção você bota o namorado da tua irmã no meio, ou então o gato da vizinha, ou então a tia Brunilda, ou não sei quem mais. Mas se você inventa um caso com gente inventada, com bicho inventado, com tudo inventado, aposto que não te dão mais cascudo nem. (BOJUNGA, 2016, p. 15).

As cartas de Raquel para André são um desabafo, visto que trazem consigo uma mensagem da autora. Lygia denuncia, através da narrativa, a falta de liberdade de expressão e a violação dos direitos dos cidadãos impostos pela ditadura militar. A única forma de expor isso, sem ser punido, era por meio de metáforas, ironias e de muita imaginação. Sendo assim, denunciar através da literatura era uma maneira de ter sua opinião individual ser publicamente exposta sem severas consequências.

No decorrer da narrativa, Raquel irá criando personagens que são como um porta voz para mostrar o que ela está sentindo. Esses personagens também vão criando caminhos para que Raquel resolva seus conflitos. Isso faz com que a narrativa multiplique em:

(...) diversos tipos de aventuras, as quais apontam diversos caminhos, estimulando as personagens a enfrentarem os obstáculos e a buscarem soluções para o problema e não ficarem à espera de algo mágico, como uma “fada madrinha” que surgirá e resolverá seus momentos de angústia. (DOMINGUES; NIEDERAUER., 2005, p. 148).

Assim, as histórias de um personagem vão abrindo caminho para construção de novas histórias que irão auxiliar na busca para a solução dos conflitos da protagonista. É como se fosse um manual de instruções que Raquel está seguindo para entender o que está se passando consigo e se livrar de suas angústias.

A segunda personagem criada por Raquel é Lorelai. Nas cartas, elas conversam sobre o tempo que Raquel morava na roça e se divertia muito. Raquel diz que na roça:

Conversava com tudo quanto era galinha, cachorro, gato, lagartixa, eu conversava com tanta gente que você nem imagina, Lorelai. Tinha árvore para subir, rio passando no fundo, tinha casa esconderijo tão bom que a gente podia ficar a vida toda e ninguém achava. (BOJUNGA, 2016, p. 19).

A mudança de campo para a cidade afetou bastante a vida de Raquel. Antes ela se sentia livre na roça. Havia vários lugares para brincar. Depois que passou a morar na cidade começou a se sentir presa e sozinha. A casa da roça com um quintal grande e cheio de animais foi trocada por um apartamento. Ela se sentia sufocada: “Bem que eu queria pular a janela, mas nem isso dá pé: sexto andar” (BOJUNGA, 2016, p. 13). Passou do ar livre do campo para a poluição e correria da cidade. Porém, o que mais incomodava Raquel era o fato de seus pais já não serem mais os mesmos. Andavam sempre estressados e sem paciência com ela. Antes de mudar para cidade, eles “(...) viviam rindo, andavam de mãos dadas, era uma coisa legal de se ver” (BOJUNGA, 2016, p. 19). Com a mudança para cidade, além de não dar atenção para Raquel, viviam de cara fechada e isso lhe afetou muito: “Eu queria tanto achar um jeito de não dar mais bola pra briga e pra cara amarrada” (BOJUNGA, 2016, p. 19). Apesar de tentar não ligar para o desprezo da família, Raquel não consegue e se sente muito magoada com isso. Segundo Guerreiro:

Esse fato que conhecemos por meio de Raquel é muito presente na vida de milhares de crianças em nossa sociedade, onde pai e mãe trabalham diariamente e o restante da família não tem interesses em conversar e ouvi-las. A falta de diálogos e o distanciamento dos pais pode tornar a criança uma pessoa mais carente e menos comunicativa (GUERREIRO, 2018, p. 15).

Deste modo, a ausência de carinho é algo presente em muitas famílias. Muitas vezes, o excesso e estresse do trabalho faz com que os pais não tenham tempo nem paciência para dar atenção aos filhos. É o que acontece com Raquel, o fato dela querer esconder suas vontades está atrelado ao distanciamento de sua família. Isso faz com que ela se reprima e evite conversar sobre certos assuntos. Para tentar aliviar a sua vida monótona, ela recorre às brincadeiras. Brincar de ser escritora é a única forma com a qual ela se expressa. Assim, através da fantasia e da imaginação, ela cria uma realidade que é só sua. Os personagens que vão surgindo servem como um quebra-cabeça para a solução de seus problemas. Para a nova amiga imaginária Lorelai, Raquel pede ajuda de como não se sentir magoada por não receber carinho de sua família. Lorelai lhe aconselha a fugir: “Querida amiga: Acho que o único jeito é você voltar pro quintal da tua casa. Lá o pessoal anda de mão dada, não tem briga, não tem cara amarrada, e ainda por cima tem gato, rio, galinheiro, aposto que até coelho tem.” (BOJUNGA, 2016, p. 20).

Ou seja, como Raquel havia falado que no quintal da Roça ela era mais feliz, Lorelai propõe que Raquel fuja para lá. Porém, Raquel diz que não teria como voltar ao quintal. Primeiro, porque não dava para ela ir sozinha e, segundo, porque seus pais não deixariam. Como sempre fez para dá mais realidade à brincadeira, Raquel escolhe onde irá achar a carta de Lorelai: “No dia seguinte, quando entrei no elevador, encontrei um papel caído no chão. Era o bilhete de Lorelai.” (BOJUNGA, 2016, p. 20). No bilhete Lorelai sugere que Raquel fuja. A fuga que Lorelai se refere é a da realidade. Raquel, então, imagina toda a viagem.

No entanto, tal situação gera um pequeno imbróglio. Isto porque a irmã de Raquel lê as cartas sobre a viagem e fica muito enfurecida. Raquel tenta explicar que Lorelai e a viagem são inventadas, mas sua irmã não acredita e lhe dá um puxão de orelha. Devido a isso, Raquel pensa em desistir de ser escritora. Ela não entende por que sua família se irrita tanto com ela por uma coisa tão simples: “fiquei uma porção de dias pensando no meu pessoal pra ver se entendia por que é que eles zangavam tanto comigo. Acabei desistindo também: gente grande é uma turma muito difícil de entender” (BOJUNGA, 2016, p. 21). Quando Raquel diz “meu pessoal” está se referindo tanto a sua família quanto a seu mundo imaginário. Dado que o motivo pelo qual Raquel inventa essas histórias vem do fato de sentir tão magoada pela forma como sua família a trata, que seu pensamento está o tempo todo refletindo como ela faz para mudar isso.

As histórias de André e Lorelai trazem informações e possibilidades para a criação de novas histórias. Através delas, Raquel reflete sobre sua própria realidade. Por meio de André e Lorelai, ela começa a refletir não só sobre si, mas sobre o mundo.

3.3 A história do Rei e a preocupação com o coletivo

Além de fazer com que a criança e o adolescente se sintam representados e de promover possíveis soluções para seus conflitos, a Literatura Infantil também instiga a capacidade de pensar não apenas em si, mas também no outro:

Com estrutura e estilo inovador, o papel da literatura moderna também se atualiza, pois, além de representar a realidade, provoca questionamentos no leitor para que, a partir de uma consciência crítica, ele possa modificar o mundo que o rodeia, sendo atuante e participativo nessa realidade inconstante” (DOMINGUES; NIEDERAUER, 2005, p. 148).

Isso é manifesto no “Romance do galo Rei”, criado por Raquel. Depois de receber uma bronca de seus irmãos, por estar inventando histórias, Raquel pensa em desistir de escrever. Mas antes pede ajuda à sua amiga Lorelai, que lhe aconselha a escrever, mas lhe adverte que não pode envolver pessoas reais nas suas histórias porque isso sempre causa confusão. Raquel então tem uma ideia: “E se eu escrevo um romance? Aí ninguém mais pode ficar contra mim

porque todo o mundo sabe que romance é a coisa mais inventada do mundo.” (BOJUNGA, 2016, p. 21). Raquel recorre novamente à imaginação, recebendo ajuda de sua amiga Lorelai que consegue uma solução para sua vontade de ser escritora não acabar.

Como dito, o romance criado por Raquel foi de um galo chamado “Rei”. Um Galo “lindo de morrer”, mas que não era feliz. Apesar de receber um ótimo tratamento de seus donos, Rei se incomodava em como as demais galinhas do seu galinheiro eram tratadas “ele morava num galinheiro com quinze galinhas, mas ele era uma cara muito igual e então achava que era galinha demais pra um galo só” (BOJUNGA, 2016, p. 22). Através da história do Rei, podemos ver, novamente, uma referência a desigualdade de gênero e à falta de liberdade de expressão. Rei não se sentia confortável em mandar nas galinhas. Por esse motivo, mesmo com medo do que as pessoas poderiam fazer, ele resolve fugir. O romance do Galo Rei mostra como Raquel gostaria que fossem as coisas. A narrativa reflete sobre se todos tivéssemos direitos iguais, independente se fôssemos homem ou mulher, menino ou menina, cada pessoa pudesse escolher o que é melhor para si, sem ter a imposição social do gênero/sexo.

Os donos de “Rei” queriam que ele colocasse ordem no galinheiro, e até mesmo as galinhas queriam que o galo ditasse o que elas deveriam fazer. Rei não se conformava com isso, então ele resolve dar o primeiro passo para mudar essa situação, que é fugir do galinheiro. Para não ter perigo de ser pego, Rei se esconde na Bolsa amarela, um lugar bastante seguro.

As histórias criadas por Raquel estão em *in media res*. Recurso literário que faz com que aconteça uma série de *flashbacks*, no qual volta-se a eventos passados dos personagens para explicar o atual presente da trama narrativa. No decorrer da história de um personagem, Raquel volta ao início para explicar sobre alguns detalhes do mesmo. Outras vezes, interrompe a história para falar sobre alguns elementos antecedentes, pois serão necessários para dar continuidade a narrativa.

Assim, antes de falar dos detalhes da história do Rei, Raquel começa a contar sobre a Bolsa amarela, lugar onde mais tarde irá abrigá-lo. Ela conta que a Bolsa veio nos presentes que a tia Brunilda dava à sua família. Segundo a descrição da mesma, a Bolsa “(...) era grande; tinha mais tamanho de sacola do que de bolsa. Vai ver que ela era quem nem eu: achava que ser pequena não dá pé” (BOJUNGA, 2016, p. 27). É perceptível que em todos os momentos Raquel está frisando a sua insatisfação devido à sua condição de ser pequena, de ser associada com incapacidade de realizar algo.

Para Raquel, a Bolsa amarela é como um abrigo ou esconderijo. Ela abre espaço ainda mais para sua capacidade imaginativa e criativa. Como a Bolsa tem muitos Bolsos por dentro, Raquel diz que eles são os filhos dela. Por isso, nomeia cada filho conforme seu tamanho e forma. Os Bolsos que ficam na parte superior, um de cada lado, os refere como grandões. Os

Bolsos que ficam logo abaixo, os chamou de menores. Num dos lados havia um Bolso cumprido, que chamou de magro. No lado desse, tinha um Bolso franzidinho que esticava, Raquel o referiu como o de sanfona. Por último, havia um Bolso “bem pequenino”, que Raquel chamou de Bolso bebê. Por fim, ela compara a Bolsa amarela com quintal de sua casa na roça:

Comecei a pensar em tudo que eu ia esconder na bolsa amarela. Puxa vida, tava até parecendo o quintal da minha casa, com tanto esconderijo bom, que fecha, que estica, que é pequeno, que é grande. E tinha uma vantagem: a bolsa eu podia levar sempre a tiracolo, o quintal não. (BOJUNGA, 2016, p. 28)

Desta forma, como o quintal, a Bolsa é cheia esconderijos. Porém, tinha mais uma vantagem, dava para carregar para todos os lados, diferente do quintal. Assim, evitava de alguém tentar abri-la. A Bolsa amarela representa estado psíquico e emocional de Raquel. Esse objeto serve para preservar o seu lado mais profundo, aquilo que ela não compreende. Por isso, ela quer escondê-lo.

A Bolsa amarela possui um fecho, que também ganha vida dentro da história. Quando Raquel foi comprá-lo, o vendedor falou para comprar outro, pois ele poderia enguiçar. Contudo, era exatamente o que ela queria “um fecho com vontade de enguiçar” (BOJUNGA, 2016, p. 29). O fecho representa uma forma de segurança, não só no sentido de fechar a bolsa, mas no sentido de resistir, não deixar que seus pensamentos sobre o mundo e as pessoas sejam afetados. Raquel propõe-lhe um acordo:

Escuta aqui fecho, eu quero guardar umas coisas bem guardadas aqui dentro dessa bolsa. Mas você sabe como é que é, não é? Às vezes vão abrindo a bolsa da gente assim sem mais nem menos; se isso acontecer você precisa enguiçar, viu? Você enguiça quando eu pensar "enguiça!", enguiça? O fecho ficou olhando pra minha cara. Não disse que sim nem que não. Eu vi que ele tava querendo uma coisa em troca. - Olha, eu já vi que você tem mania de brilhar. Se você enguiçar na hora que precisa, eu prometo viver polindo você pra te deixar com essa pinta de espelho. Certo? O fecho falou um tlique bem baixinho com todo o jeito de "certo". Chamei o vendedor e pedi pra ele botar o fecho na bolsa. (BOJUNGA, 2016, p. 30).

Sendo assim, o fecho passa a ser uma trava de segurança para evitar com que as pessoas tentem invadir sua intimidade. Serve como uma forma de manter à sua privacidade mental e conservação de suas ideias. Ao propor esse acordo de guardar suas ideias em troca de poli-lo, o fecho acaba concordando, expressando isso através de um “tlique bem baixinho”.

Na arrumação da bolsa, Raquel coloca no Bolso franzido que nomeou de sanfona os nomes que juntava para colocar seus amigos imaginários, como André e Lorelai. No Bolso bebê, Raquel guarda um Alfinete de fraudas que tinha achado na rua. No Bolso de botões, esconde uns retratos do quintal de sua casa, uns desenhos e algumas coisas que andava pensando:

Abri um zíper; escondi fundo minha vontade de crescer; fechei. Abri outro zíper; escondi mais fundo minha vontade de escrever; fechei. No outro bolso de botão espremi a vontade de ter nascido garoto (ela andava muito grande, foi um custo pro botão fechar). Pronto! a arrumação tinha ficado legal. Minhas vontades tavam presas na bolsa amarela, ninguém mais ia ver a cara delas (BOJUNGA, 2016, p. 30).

Na Bolsa, portanto, além de guardar seres reais, Raquel também guarda as repreensões causadas tanto pela família quanto pela sociedade. Há uma mistura do real com o imaginário que juntos instruirão o caminho que a personagem percorrerá para encontrar a solução de seus problemas.

Depois que conta sobre a arrumação da Bolsa, Raquel remonta à narrativa do Galo Rei. A partir disso, a brincadeira fica ainda mais divertida, pois Raquel tira o Galo Rei do romance e traz à sua realidade. De repente, esse personagem aparece dentro da sua bolsa. Rei usava uma “máscara tapando a cara todinha. Só dois furos pros olhos” (BOJUNGA, 2016, p. 33). A máscara de Rei, assim como o fecho da Bolsa de Raquel, representa barreiras que encontramos durante a nossa vida. Servem como metáfora para dizer que devemos evitar que alguém tente influenciar a mudar nossos princípios, tendo em vista que Rei tinha o mesmo pensamento de Raquel em relação à igualdade, no sentido de que todos temos os mesmos direitos, independente de raça, cor e gênero/sexualidade.

Enquanto conversa com o Galo, Raquel fica admirada com sua beleza: “as penas do corpo dele brilhavam como o fecho; a gente usa anel no dedo, mas ele usava na perna e usava dois: um azul e um vermelho” (BOJUNGA, 2016, p. 33). Os anéis trazem uma ideia de igualdade, tendo em vista que o azul é associado às meninas e o vermelho aos meninos. Apesar de ambos os gêneros terem liberdade de usar a cor que quiserem, no romance as cores dos anéis trazem uma ideia de equilíbrio entre ambos os sexos.

Como referimos, Raquel insere, cria e recria os personagens. No romance que escreveu sobre o Galo Rei, a história acabava quando ele fugia do galinheiro. Porém, Raquel recria a narrativa. Após fugir do galinheiro, Rei resolve ir “lutar por suas ideias”, a fim de sair dessa vida de determinar comportamentos dos outros:

Você é nosso dono. Você é que resolve tudo pra gente". Sabe, Raquel elas não notavam, não davam uma piscadinha, não faziam coisa nenhuma sem vir me perguntar: “Eu posso? Você deixa? E eu respondia: ora minha, o ovo é seu, a vida é sua, resolve como você achar melhor, elas não queriam mais comer, emagreciam, até morriam. Elas achavam que era melhor ter um dono mandando o dia inteiro: faz isso! faz aquilo! bota um ovo! pega uma minhoca! do que ter que resolver qualquer coisa. Diziam que pensar dá muito trabalho. (BOJUNGA, 2016, p. 35).

Nessa parte, Lygia discute que apesar de algumas mulheres não serem submissas, muitas só se sentem confortáveis e se procuram fazer algumas coisa se for com o auxílio de um homem.

A história do Rei e o comportamento das galinhas são quase a reprodução ficcional do que se passa em sua casa, já que sua irmã “moça” acha que não precisa trabalhar nem estudar porque vai ter vários homens querendo sustentá-la. Por esse motivo, Raquel diz que sua irmã é “bonita pra burro”. (BOJUNGA, 2016, p. 13).

Como Rei queria alterar essa ideia de que um homem deve estar sempre impondo-se sobre uma mulher, ele começa alterando o seu nome, tendo em vista que o nome Rei da ideia de superioridade. Como seu objetivo era ir em busca de direitos iguais, esse nome não combinava nada com sua nova perspectiva de vida.

Assim, como Raquel não está mais usando os vários nomes que guardava para dar a seus amigos imaginários, ela pede para o galo Rei escolher Afonso para ser seu novo nome. A partir disso, Afonso diz que está pronto para “lutar por suas ideias”. Um lugar onde todo mundo tenha vez e que seja ouvido, podendo compartilhar suas ideias e pensamentos e não sendo menosprezado por ninguém. Enquanto não sabe como vai fazer esse processo, Afonso pede para Raquel deixá-lo ficar na Bolsa, pois temia ser capturado e levado novamente para o galinheiro. Ela aceita tal proposta.

Com a história de Rei, Raquel mostra que devemos nos preocupar com o próximo, e não apenas com nós mesmos. O fato do galo querer lutar por suas ideias é, na verdade, o mesmo pensamento que Raquel tem a respeito de que todos devem ser respeitados. E, apesar de ser criança, ela também quer e vai lutar por isso. Não apenas para si, mas para todos.

3.4 O Alfinete de Fraldas e ausência de afeto

Depois que o galo Rei troca o nome para Afonso, Raquel dá uma pausa em sua história e começa a contar a do Alfinete de Fraldas, que morava no Bolso bebê.

É cientificamente comprovado que o desenvolvimento da criança também depende muito do afeto. É perceptível que quando uma criança não recebe carinho ou a devida atenção que merece, ela se sente reprimida e acaba com isso desenvolvendo vários problemas psicológicos que podem refletir no seu processo de aprendizagem. E nesse processo a Literatura Infantil tem uma grande importância.

Segundo Domingues e Niederauer, os personagens de uma história têm um papel importante na vida das crianças. Isso porque a identificação com os personagens reflete, por vezes, o que elas estão sentindo ou vivenciado:

É através delas que o pequeno leitor se envolve com a história: ele sofre, chora, solta risos e a felicidade emerge com a personagem. Essa identificação ocorre quando a criança possui claramente a ideia do caráter da personagem e dos conflitos pelos quais ela passa: se a personagem é boa ou má, bela ou feia, se está feliz ou não, por exemplo. Esses sentimentos agem na mente infantil e provocam um desenvolvimento emocional ao revelarem imagens e ações que prendem a sua atenção. (DOMINGUES; NIEDERAUER, 2005 p. 143).

Desta forma, a literatura trabalha o psicológico e desenvolve a capacidade de transformar o pensamento, libertar de conflitos internos e promover a aprendizagem lúdica e prazerosa, além de satisfazer todas as necessidades do/a leitor/a. E como já descrito anteriormente, é através da identificação com os personagens que a literatura trabalha essas questões. Por meio da conexão entre o personagem e o/a leitor/a acontece a comparação. O/A leitor/a compara a sua situação com a do personagem. A partir disso, segue todos os caminhos percorridos pelo personagem para ir em busca da solução de seus problemas “através da contação de histórias a criança (ou a pessoa que ouve) passa a ter uma compreensão ampla de mundo, pode supor e fazer comparações, além de assimilar diferenças” (SOUZA, 2014, p. 12). Isso acontece através de muita imaginação e de momentos lúdicos.

Portanto, é por meio das brincadeiras que as crianças e os adolescentes expressam seus sentimentos, como é o caso da personagem Raquel. Na obra, sempre que sente alguma aflição, Raquel inventa alguma história, e os personagens possuem as mesmas características, além de sentir e passar pelos mesmos conflitos que ela. E por meio de brincadeiras ela expressa seus pensamentos e aflições.

Raquel cria a história de um alfinete que se sente solitário e mal-amado devido a todos que o menosprezam e não lhe dão o devido valor. Conta que estava passeando e encontrou um alfinete que começou a lhe pedir para que o levasse para casa, pois na rua ele era pisado por todos e por isso estava todo enferrujado:

vão me levar no caminhão de lixo; me recolho todo pra vassoura não me ver; e depois que ela passa, e depois que o susto passa, eu risco na calçada um anúncio de mim dizendo que eu sirvo, sim; mas nunca nada acontece. (BOJUNGA, 2016, p. 44).

A protagonista sente que seus irmãos têm um tratamento melhor por parte de seus pais. E o que lhe deixa ainda mais angustiada é perceber que eles pensam que ela não entende tal situação de privilégios familiares. Isso fica bem visível sempre quando sua tia rica, Brunilda,

manda alguns presentes para sua família. Todos escolhem o que querem e não sobra nada para Raquel. Eles justificam que é porque a tia Brunilda só manda presentes para adultos.

No entanto, o que deixa Raquel entristecida é que quando eles abusam dos presentes, eles dão a ela “quer dizer que quando a roupa pifa, pifa também a tal cara de roupa de gente grande? E o pessoal falou que era assim mesmo”. (...). “É por causa dessas transas que eu queria tanto crescer: gente grande tá sempre achando que criança tá por fora.”. (BOJUNGA, 2016, p. 26). Isto é, o fato de os adultos pensarem que as crianças não notam os seus diferentes comportamentos é um grande engano, e isso acaba por abalar emocionalmente e psicologicamente a personagem, mesmo ela ainda sendo criança. Segundo Vygotsky, “o afeto é o alfa e o ômega, o primeiro e o último elo, o prólogo e o epílogo de todo o desenvolvimento psíquico”. (*Apud* GOMES, 2013, p. 3). Isto é, o afeto é o principal elo para o desenvolvimento psíquico da criança.

Depois que conta a história do Alfinete de Fraudas, isto é, de como foi encontrado, Raquel dá uma pausa e começa a contar sobre a narrativa da Guarda-Chuva, que também envolve Afonso.

Na volta da escola, Raquel sente que a Bolsa amarela está muito pesada, devido a muitas coisas guardadas: “tinha Afonso, tinha vontade, tinha nome, tinha livro, tinha caderno, tinha tudo lá dentro”. (BOJUNGA, 2016, p. 46). Além disso, tinha também uma atividade escolar. Era para Raquel fazer uma redação com o seguinte tema “o presente que eu queria ganhar”. Ela escreveu que queria ganhar um guarda-chuva. Começou a inventar como seria o guarda-chuva e que coisas aconteceriam com ele. Porém, a aula acaba quando ela termina a história. Devido a isso, sua vontade de ser escritora começou a “engordar”. Engordou tanto que ela não estava aguentando carregar a bolsa.

No caminho para casa, Raquel vai brincando. Ela inventa que, quando parou para descansar, Afonso saiu da bolsa colocou sua máscara e foi dar uma voltinha para procurar suas “ideias”. Após “10 minutos”, ele volta, não achou as ideias, mas havia encontrado um guarda-chuva. Ele dá de presente para Raquel e conta tudo que a Guarda-chuva lhe contou:

Na hora do guarda-chuva nascer, quer dizer, na hora que ele foi feito, o homem lá da fábrica - que era um cara muito legal e que gostava de ver as coisas gostando do que elas tinham nascido - perguntou: - Você quer ser guarda-chuva homem ou mulher? E ele respondeu: mulher. O homem então fez um guarda-chuva menor que guardachuva homem (BOJUNGA, 2016, p. 48).

Em síntese, a história da Guarda-Chuva alude ao fato de as irmãs de Raquel dizerem que ela nasceu quando sua mãe não podia ter mais filho, “nasceu de Araque”. Isso significa que Raquel nasceu sem ser planejada. Ela fica muito magoada com isso porque acredita que uma

pessoa só devia nascer quando os pais quisessem que ela nascesse. Assim como aconteceu com a Guarda-Chuva.

Depois de que contou a história do Alfinete de Fraudas, Raquel dá voz a Afonso, e ele que passa a contar a história da Guarda-Chuva. Ele diz que a Guarda-Chuva foi quem escolheu ser mulher. Até o seu cabo, o fabricante não fez reto, mas com curvas. Quando Afonso termina de dizer isso, Raquel fica pensativa. Começa achar que também queria ter escolhido nascer mulher. Com isso, a vontade de ser garoto começa a sumir e a Bolsa amarela fica mais leve.

Afonso continua a história dizendo que quando o fabricante estava fazendo o cabo a Guarda-Chuva disse que era para fazer pequeno. Porém, o homem lhe alerta sobre a possibilidade dela querer crescer depois, mas a Guarda-Chuva diz que não irá acontecer isso porque para ela “ser pequena é uma curtição”. No entanto, o vendedor insiste: “Às vezes a gente quer muito uma coisa e então acha que vai querer a vida toda. Mas aí o tempo passa. E o tempo é o tipo do sujeito que adora mudar tudo. Um dia ele muda você e pronto: você enjoa de ser pequena e vai querer crescer” (BOJUNGA, 2016, p. 49). Isto é, nosso pensamento está sempre em mudança, ele acompanha a evolução do tempo e da sociedade. A nossa escolha de hoje pode afetar nosso futuro de amanhã. Por isso é bom estar ciente e ter certeza quando formos escolher alguma coisa.

Com isso a Guarda-Chuva fica pensativa, mas decide que quer ser pequena. Ela fala ao homem: “- Então tá bom, me faz pequena. Mas bota dentro de mim o jeito de ser grande” (BOJUNGA, 2016, p. 49). Ou seja, ela queria ser pequena só em estatura, mas grande em conhecimento e informação. O fabricante, então, faz a Guarda-Chuva do tipo que estica.

Raquel fica muito contente de ter ganho a Guarda-Chuva, principalmente por as duas pensarem igual. Porém, fica estressada com Afonso, pois toda vez que faz uma pergunta para Guarda-Chuva, ele responde em seu lugar. Afonso explica que é porque ela enguiçou depois de ficar passando de grande para pequena e vice-versa. Depois que enguiçou, a Guarda-Chuva começou a falar uma língua estranha que só ele entende. Raquel não fica nada feliz com essa história, mas continua a caminhada. Agora sentindo a Bolsa ainda mais pesada.

Raquel dá uma pausa na história da Guarda-Chuva e começa a imaginar outra história. Afonso tira a cabeça para fora da Bolsa e vê outro galo, de nome Terrível. Ele era filho de uma galinha que tinha no romance que Raquel criou. Terrível é, mais especificamente, um galo de briga. Afonso diz que:

Desde pequenininho que resolveram que ele ia ser galo de briga, sabe? do mesmo jeito que resolveram que eu ia ser galo-tomador-de-conta-de-galinha. Você sabe como é esse pessoal, querem resolver tudo pra gente. E aí começaram a treinar o Terrível. Botaram na cabeça dele que ele tinha que ganhar de todo o mundo. Sempre. Disseram até, não sei se é verdade, é capaz de ser invenção, que costuraram o resto do pensamento dele com uma linha bem forte. Pra não rebentar. E pra ele só pensar: “eu tenho que ganhar de todo o mundo”, e mais nada. (BOJUNGA, 2016, p. 55-56).

Nesse trecho, Raquel evidencia que essa questão de ter sempre alguém decidindo o que cada pessoa vai fazer ou ser quando crescer vem desde o berço. Tanto Afonso quanto Terrível já nasceram com a vida planejada por suas famílias. Dizer que Terrível tem o pensamento “costurado” é a mesma coisa de falar que o influenciaram a ser o que ele não é, corromperam-no. Devido a isso, a vida de Terrível passou a ser somente de brigas entre galos. O dono de Terrível o usava para ganhar dinheiro. Por isso, colocaram em sua cabeça que ele devia sempre ser um vencedor. Assim, o dono também ganhava.

Terrível já havia ganhado “cento e trinta e três” brigas. Vencia de quase todos. Mas morria de medo de um galo chamado “crista de ferro”. Terrível tinha brigado com ele uma vez, mas perdeu. Porém, já estava com outra briga marcada. Ele estava com muito medo, mas não conseguia resistir, pois estava com o pensamento “costurado”. Até que Raquel e Afonso tiveram a ideia de ajudar Terrível, prendendo-o na Bolsa amarela.

Dentro da Bolsa estava uma confusão, pois Terrível estava muito furioso querendo sair. Raquel pede a Afonso para controlá-lo, com medo de sua família ver que ela “carregava muita coisa esquisita dentro da bolsa” (BOJUNGA, 2016, p. 65). Isto é, a sua família ia descobrir seus pensamentos e desejos reprimidos. Raquel escondia-os, pois sempre que mostrava causava alguma confusão e constrangimento.

Após contar a história de como conheceu Terrível, Raquel retorna à história de Afonso. Para aumentar ainda mais a tensão da narrativa, Raquel inventa que os donos do Afonso vieram à procura dele. Eles foram avisados que havia um galo fugitivo na sua casa e pediram para revistar a casa. Raquel fica muito tensa, e enquanto eles conversam com sua mãe, ela corre para avisar a Afonso para não deixar Terrível fazer barulho. Pede também para o fecho enguiçar se alguém tentar abri-lo. Os donos não desconfiaram de nada e foram embora, mas antes pediram para Raquel avisá-los, se acaso visse o galo. Ela diz “Tá”, com o sentido de “até parece”.

Logo após os homens irem embora, Raquel sente seu nariz doer. Seus familiares estavam se reunindo para ir à casa de sua tia Brunilda, de quem, segundo Raquel, eles tanto “puxavam saco”. Raquel diz que não vai poder ir com eles por causa do nariz, mas eles mandam ela colocar remédio. Ela não estava em um dia feliz, pois além de estar com o nariz doendo, derramou remédio na roupa, além de não ter vontade de visitar sua tia. Além disso, ela estava com medo de deixar a Bolsa e alguém abrir e ver o que tinha dentro. Assim, para não correr perigo, Raquel inventa uma desculpa para levar a Bolsa. Mas o que ela queria mesmo era dizer:

Eu preciso levar a bolsa amarela. Eu guardo aqui dentro umas coisas muito importantes. Umas coisas que eu ainda não tô podendo nem querendo mostrar pra ninguém." Pronto. Que legal eu falando assim e ninguém perguntando: "Mas por quê?"

Que coisas são essas? Como é que essa bolsa abre? O fecho tá enguiçado?" Nem mandando: "Abre! Fala! Diz!". (BOJUNGA, 2016, p. 68).

Nesse trecho, Raquel deixa claro que mesmo não querendo mostrar a ninguém essas suas angústias, gostaria de ser questionada, pois isso iria demonstrar que a pessoas se importam com ela, apesar de não demonstrarem isso.

Quando chega na casa da sua tia Brunilda, Raquel é observada pelo seu primo Alberto, que logo comenta sobre o tamanho da Bolsa amarela. Todos passam observar a Bolsa e Alberto quer a todo custo abri-la. Raquel fica angustiada com a sua tia porque ela não reprime seu primo. Sua família a repreende, ela fica ainda mais brava e desabafa que eles só puxam saco da tia porque é rica. Sua família novamente a adverte.

Todos acham graça quando Alberto tenta abrir a Bolsa, o que faz com que a vontade de ser garoto volte a “engordar”. Engordou tanto que a Bolsa começou a dar “pinote”. Alberto percebe que tem “coisa viva” dentro. Todos começam a tentar abrir a Bolsa amarela, mas o fecho enguiça, assim como Raquel havia pedido. A vontade de ser “grande” também começa a “engordar”, porque se ela fosse adulta ninguém tentaria abrir a sua Bolsa.

Como as vontades iam “engordando”, a Bolsa começou a crescer muito, o pessoal desistiu de abrir o fecho e ficaram só olhando. Até Raquel estava espantada:

De repente, deu um estouro danado. Estouro no duro. Parecia até que tinha rebentado uma bomba dentro da bolsa amarela. Todo o mundo pulou pra trás. E aí deu outro estouro. Ainda maior. Fiuuu... A gente começou a ouvir um barulho de balão esvaziando. A bolsa foi emagrecendo, emagrecendo, mas não parava de mexer - a turma lá dentro estava numa agitação incrível. A bolsa emagreceu até ficar do tamanho que era antes; o Alberto então pegou ela pra abrir. E o fecho tava tão zozinho com os estouros que nem se lembrou mais de enguiçar: abriu! (BOJUNGA, 2016, p. 79).

Foi tanta pressão que a Bolsa não aguentou e desabou. Para tentar livrar-se da situação, Raquel inventa que Afonso saiu da Bolsa apresentando um teatro. Afonso se apresenta como o galo mágico que faz a Bolsa engordar e emagrecer. Após essa cena, Afonso sai dizendo que vai apresentar em outros lugares.

Todos espiam dentro da Bolsa, inclusive Raquel, mas somente ela vê os restos de vontade lá no fundo que foram estourados como balão.

Depois que termina o almoço, Raquel encontra Afonso na portaria e o agradece. Porém, ele conta que foi o Alfinete de Fraldas que a salvou da situação. Ele furou as vontades e elas murcharam. O Alfinete de Fraldas risca a palma da mão de Raquel, e diz que mesmo as pessoas falando que ele não servia para nada, ele repensou e concluiu que servia sim. Foi então que teve a ideia de espetar as vontades e elas murcharam: “(...) voltou pro bolso na maior alegria: tinha mostrado que servia sim pra muita coisa” (BOJUNGA, 2016, p. 83). O Alfinete também faz

referência ao fato da família de Raquel achar que ela não tem capacidade de opinar sobre assuntos ou ajudar em alguma em casa por ser criança.

No almoço, a Bolsa acabou por estourar porque Raquel não aguentava mais a pressão de seus familiares, que de forma agressiva tentavam descobrir o que ela tinha Bolsa. Como Raquel estava necessitando de carinho, a forma como eles a pressionaram lhe causou uma aflição muito grande que fez com que ela se sentisse angustiada. Como eles achavam que por ela ser criança só inventava besteiras, eles não davam importância para o que ela falava e nem para os seus sentimentos.

Depois do estouro da Bolsa, Raquel volta novamente à história de Terrível. Altas horas da noite, Afonso acorda apavorado dizendo que Terrível havia fugido. A Guarda-Chuva também tinha desaparecido. Eram 5 horas da manhã quando Raquel olha no celular de sua irmã. Terrível havia deixado um bilhete: “fui brigar a briga que eu tinha que brigar. Pra mostrar que ainda posso ganhar” (BOJUNGA, 2016, p. 86). Terrível havia falado que a briga seria na praia das pedras, Raquel e Afonso resolvem ir à procura dele. Quando chegam lá, só veem as marcas de briga.

Eles encontram a Guarda-Chuva com as varetas quebradas. Como Raquel deu voz a Afonso, é ele que conta o que aconteceu com esse personagem e com Terrível. Afonso fala que quando ela acordou do desmaio depois do estouro das vontades, viu Terrível fugindo e foi à procura a fim de tentar convencê-lo a não ir.

Quando Terrível chegou para brigar, todos começaram a rir, porque a Guarda-Chuva foi grudada nele. O pessoal pediu para ela sair, se não batiam nos dois. A Guarda-Chuva, no entanto, não saiu. Então eles lhe jogaram longe. Mas de onde caiu deu para ver o quanto Terrível apanhou. Viu também quando o levaram.

Enquanto Afonso conta o que ocorreu, Raquel fica observando a roda de briga e pensa: “Gente pequena usava roda pra brincadeira: ciranda, jogo de prenda, chicote-queimado... Mas gente grande inventava umas coisas tão esquisitas pra fazer roda.” (BOJUNGA, 2016, p. 90-91).

Percebendo que a história de Terrível estava muito triste, Raquel resolve recriá-la. Incluindo a narrativa de Carretel de linha forte, que havia sido usada para costurar o seu pensamento. Apesar de ter falado que nunca mais iria escrever, resolve fazer outro romance. Por isso, antes de introduzir esse novo personagem, Raquel conta que quando Terrível ainda morava no galinheiro, os seus donos o treinavam para brigar. Porém, Terrível tinha apenas vontade de se apaixonar.

Certo dia, Terrível se apaixonou por uma franga. Por esse motivo, na hora da briga, em vez de atacar o inimigo, ele desenhava um coração. Os donos, então, resolveram trancá-lo no

galinheiro e impedi-lo de ver sua namorada. Enquanto isso, treinaram outro galo de briga e o colocaram junto de Terrível para que pudessem brigar entre si. Contudo, os dois se tornaram amigos.

Resolveram, então, “(...) costurar o pensamento do Terrível e só deixar de fora o pedacinho que pensava: Eu tenho que brigar! Eu tenho que ganhar de todo mundo! O resto todo sumia dentro da costura” (BOJUNGA, 2016, p. 95). O termo “costurar”, como já mencionamos, está em sentido metafórico, significa dizer que ambos os personagens se influenciaram, mudaram seus princípios.

Raquel conta que, antes da Linha forte ser usada no pensamento de Terrível, ela vivia numa prateleira. Ela e sua amiga, Linha de pesca, imaginavam o que iam fazer quando fossem compradas. A Linha de pesca dizia que queria andar de barco a motor e sentir a água lhe respingar. Já a Linha forte ficava pensando em como as pessoas iriam lhe usar. Disse que queria ser usada para costurar lona de acampamento, queria viajar para vários lugares. A Linha de pesca já tinha seu destino traçado, como o próprio nome dizia. Já a Linha forte poderia ser usada para qualquer coisa.

A noite elas ficavam tristes porque o dia havia se passado e nenhuma delas tinham sido compradas. Até que um dia os donos do Terrível entram na loja e compram a Linha forte. A Linha de pesca fica triste, mas acompanha a amiga até quando eles entram em casa. Pela fechadura, ela vê a Linha forte sendo usada para costurar o pensamento de Afonso. A Linha de pesca fica com muita dó da linha forte: “Coitada! Ela queria tanto viver viajando, no sol, no vento, sempre acampando, e acaba desse jeito, fechada pra sempre no pensamento do galo” (BOJUNGA, 2016, p. 97). A Linha de pesca volta para a loja triste por sua amiga. Depois que isso aconteceu, Terrível foi ganhando todas as brigas.

É perceptível que através dos detalhes de uma história, Raquel vai reinventando outras. Afonso havia falado que Terrível ganhava todas as brigas, mas seu dono é quem recebia o dinheiro. No romance, Raquel diz que “Terrível não ligava a mínima porque o pedaço do pensamento dele que pensava "puxa vida, eu dou esse duro todo e eles é que ficam com o dinheiro" também estava costurado (BOJUNGA, 2016, p. 97). Isto é, Terrível só conseguia fazer aquilo que os donos ditavam. Devido a isso, a vida da Linha forte na cabeça de Terrível era chatíssima porque ele passava o tempo todo pensando a mesma coisa. Às vezes tentava mudar seu estilo de vida, mas não conseguia.

Terrível ganhava todas as lutas, até o dia que enfrentou com um Galo mais forte e perdeu. Depois de ter perdido a briga marcaram outra, foi quando ele encontrou Afonso e foi preso na Bolsa amarela.

Percebemos que na recriação da história de Terrível, Raquel retira a Guarda-Chuva e coloca o Carretel de Linha forte em seu lugar. Na primeira versão da história, é a Guarda-Chuva que tenta impedir que ele brigue, mas como ela não consegue, o final da narrativa é malsucedido. Na segunda versão da história é o Carretel de Linha forte que tenta impedir a briga.

Para dar um fim mais feliz à história de Terrível, Raquel conta que a Linha forte, sabendo que ele ia perder, fica muito tensa porque se ele morresse ela morria também, já que ela estava em seu pensamento. Na hora da briga, a Linha forte fazia tanto força para encontrar uma ideia de salvar o Terrível que se arrebenta:

E foi só ela rebentar que o pensamento do Terrível descosturou, abriu todinho, e ele desatou a pensar mil coisas, ficou até tonto de tanto pensamento junto. Num instante entendeu tudo que estava acontecendo, e é claro que não sendo bobo pensou logo: besteira eu morrer nessa praia só porque eles cismaram que eu tenho que brigar com o Crista de Ferro. E se mandou! Correu pro mar. (BOJUNGA, 2016, p. 101).

Assim, após a Linha arrebentar, Terrível começa a pensar por ele mesmo, e foge da briga. Ao ver que as pessoas vinham à sua procura, Terrível entrou no mar e viu um barco com um pescador. A Linha forte entrou em aflição novamente, pois Terrível não sabia nadar. Porém, A Linha de anzol do homem do barco o reconheceu e o físgou pela crista. Quando o pescador o puxou, viu que não era peixe, mas, mesmo assim, não se importou, pois queria mesmo uma companhia.

Depois disso, o homem do barco partiu em viagem e quem mais gostou foi a Linha forte porque foi conhecendo vários lugares durante a travessia. O barco chegou em um lugar tão longe onde Terrível desembarcou e lá foi viver sossegado. Quem viu as penas na praia achou que ele tinha morrido, mas o galo estava aproveitando a vida bem longe junto à Linha forte.

3.5 Loja de Consertos e a mudança de pensamento

Depois de terminar de escrever o romance do galo Rei e o Carretel de Linha forte a vontade de escrever ficou bem “magrinha”, não “pesava nada”. Com isso, Raquel acaba mudando de ideia “resolvi que se eu queria escrever qualquer coisa eu devia escrever e pronto.

Carta, romancinho, telegrama, o que me dava na cabeça. Queriam rir de mim? Paciência. Melhor rirem de mim do que carregar aquele peso dentro da bolsa amarela” (BOJUNGA, 2016, p. 103). Raquel encontrou dentro de suas brincadeiras uma forma de livrar-se dos seus conflitos.

Após contar o romance que escreveu para Afonso. Os dois vão até à praia das pedras para ver se encontravam o barco que o Terrível havia viajado. Apesar de não encontrar o barco, Afonso encontra a suas “ideias” que tanto procurava, através do romance de Raquel. A ideia era “(...) sair pelo mundo pra não deixarem costurar o pensamento de ninguém” (BOJUNGA, 2016, p. 105). Mediante a história de Terrível, Afonso encontra a sua ideia, que é não deixar as pessoas influenciarem as outras ou tentarem mudar o seu jeito de ser.

A Guarda-Chuva tira a cabeça para fora da Bolsa e pergunta se Afonso a deixa ir com ele. Porém, Afonso diz que não teria como porque ela estava quebrada. Neste momento, o Alfinete sai do Bolso e fala que sabe onde tem uma loja de Consertos. Ele avistou a loja quando saiu da fábrica. O Alfinete então vai mostrando o caminho para chegar até lá: “Em frente. Dobra. Esquerda. Vai. Direita. Segue. Atravessa. Vira. Toda a vida. Vai. Aqui, é aqui!” (BOJUNGA, 2016, p. 107). Mais uma vez, o Alfinete ajuda na solução de um problema, mostrando que apesar de ser pequeno, ele serve, sim, para muita coisa, assim como a personagem Raquel.

A Casa dos Consertos era composta por toda as idades. Havia um velho, uma mulher, um homem e uma menina. Na casa, todos dividam as tarefas e às vezes trocavam os serviços. Tanto o homem quanto a mulher cozinhavam e consertavam as coisas quebradas. Tanto o velho quanto as crianças estudavam. Raquel fica espantada ao ver o senhor estudando e pergunta o porquê do seu interesse pelos estudos. A menina diz que ele é velho, mas o pensamento está “sempre novo”, pois não existe idade para estudar e aprender. O que deixa Raquel admirada é que na casa não existia chefe. Cada um escolhe o que é melhor para si.

Ao conversar com a mãe de Lorelai, Raquel lhe conta sobre suas vontades. Depois lhe dá os retratos do quintal de sua casa que estava na bolsa. Isso era uma desculpa para ela voltar. As duas riem de tal situação, Raquel começa a mudar o pensamento sobre os adultos: “E eu fiquei achando que gente grande não era uma turma tão difícil de entender que nem eu pensava antes” (BOJUNGA, 2016, p. 115). Neste trecho, é possível perceber que Raquel falou tão naturalmente sobre suas vontades, parecia que não lhe pesava mais os seus desejos mais íntimos e por isso não se reprimia. Enquanto que com sua família ela não conseguia conversar sobre determinados temas, visto que sua família queria saber de sua vida de maneira intrusiva, sem qualquer tipo de diálogo e afetividade. Como eles não lhe davam carinho, Raquel evitava expor suas intimidades sentimentais. Já a família da Casa dos Consertos conseguiu que Raquel falasse espontaneamente sobre si mesma. Daí a importância do afeto, a empatia e confiança serem componentes importantes para a afirmação de estruturais emocionais e psíquicas das crianças.

A Casa dos Concertos consertava além de objetos até pensamentos que foram “costurados”, por isso Raquel fica tão entretida com todos os detalhes da casa que ficou até à noite, foi quando Afonso lhe avisou sobre o horário adiantado, apressando-lhe, sem antes consertarem a Guarda-Chuva.

Quando chega em casa, Raquel fica de castigo por ter demorado. Ela relembrou da época quando perdia o sono, e todos da sua casa estavam a dormir, e se imaginava um garoto, a jogar bola. Mas naquela noite, ela só estava pensando na Casa dos Concertos e em como a mãe e a menina achavam bom ser mulher.

Até que Afonso recordou que deve se pagar pelo conserto da Guarda-Chuva, mas eles não tinham dinheiro. Como Raquel estava de castigo, ela pede para que Afonso leve o romance do Terrível como pagamento.

Depois do conserto, a Guarda-chuva volta a falar. É aí que Afonso continua a contar a história antes de enguiçar. Os personagens da Bolsa amarela estavam todos ansiosos para saber o resto de sua história.

Afonso volta da Casa dos Concertos com a Guarda-Chuva novinha. Então, começa a contar que certo dia a Guarda-Chuva foi surpreendida por uma forte chuva e para secar ficou passando de grande para pequena e vice-versa, por isso enguiçou. Nessa hora, passou um vento forte fazendo com que ela caísse do prédio onde morava. Na queda, a Guarda-Chuva quebrou as costelas ou melhor dizendo, as varetas.

Para piorar, a levaram ao médico errado, um dentista. Ele nem percebeu que era um/a Guarda-Chuva e obturou suas varetas. Depois disso, ela nunca mais funcionou. Ela passou a ser usada apenas como enfeite. Mas ela queria ir ver o mundo lá fora, foi então que pulou do prédio e quebrou mais três varetas. Nesta altura, Afonso a encontrou caída. Depois do conserto, Afonso conta que o nome dela também desenguiçou. Ela se chamava Nakatar Companhia Limitada. Porém, Raquel não consegue chamá-la assim e continua chamando-a de Guarda-Chuva mesmo.

Raquel conta que a semana do seu castigo foi ótima. Ela escreveu muito, inclusive para as pessoas da Casa dos Concertos, que prontamente lhe responderam. Ela estava muito feliz com os amigos, e pensava que fazia uma diferença grande sem eles.

A vida de Raquel havia melhorado, sua família não ficava mais contra si. Raquel começava até gostar de ser menina, e com isso as vontades “emagreceram”. A protagonista então não ligava mais para os preconceitos sociais. Raquel passa a brincar de pipa, sem se importar com o que as pessoas vão falar a respeito de brincadeiras de menino ou de menina. Agora ela acredita que pode brincar do que quiser. Ela e Afonso brincam juntos de soltar pipa na praia das pedras.

A história acaba quando Afonso junto com a Guarda-Chuva saem para lutar com o intuito que ninguém mais tivesse “pensamento costurado”.

O único que fica com Raquel é o Alfinete de Fraldas. Ele pede para ficar caso as vontades voltassem a “engordar”. Por fim, Raquel se diz aliviada: “A bolsa amarela tava vazia à beça. Tão leve. E eu também, gozado, eu também estava me sentindo um bocado leve” (BOJUNGA, 2016, p. 135). Quando Raquel solta todas as vontades reprimidas, sente-se mais confiante, por isso fica mais “leve”. A Casa de Consertos fez com que Raquel não tivesse mais medos de expressar seus sentimentos. Ensinou que ser mulher é uma dádiva e que ela pode e deve fazer o que quiser sem se importar com o julgamento alheio e a condenação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse trabalho foi possível perceber que a Literatura Infantil e a ludicidade são como alfa e o ômega na vida das crianças e dos adolescentes. Isto é, elas têm grande importância tanto na educação inicial quanto na formação intelectual da vida adulta. Tendo em vista que os benefícios que as brincadeiras trazem para as crianças não refletem somente no seu presente, mas as acompanham em todos os outros estágios do desenvolvimento. Além disso, segundo Rodrigues, Almeida, Junior, Lima e Lima “a ludicidade é um fenômeno intrínseco de cada pessoa, onde os conteúdos lúdicos são absorvidos das experiências vividas do social” (RODRIGUES; ALMEIDA; JUNIOR; LIMA; LIMA, 2015, p. 38813).

Além de promover a aprendizagem lúdica e prazerosa, a literatura faz com que as crianças reflitam não só sobre si, mas também sobre o mundo ao seu redor. Dado que a leitura ou a contação de histórias promovem reações que fazem com que a criança se liberte de seus conflitos, emoções e consiga a solução para todos os seus problemas.

Sendo assim, a Literatura Infantil tem o potencial de desenvolver as capacidades emocionais, sociais e cognitivas da criança e do adolescente. Isso só é possível através da arte literária da imaginação, da criação e da representação. Por natureza própria, a criança já carrega consigo a fantasia. Devido a isso, qualquer coisa nas mãos de uma criança pode se transformar, criar vida e adquirir habilidades especiais.

Na medida em que ler ou ouvir uma história a criança começa a imaginar como seriam tais imagens, através dos personagens, e de cenas, tais como, por exemplo, a floresta, o lago e todos os outros seres e ambientes da narrativa. Ou seja, seu mundo imaginário cria imagens de como seriam esses elementos da narrativa. Em seguida, elas reproduzem isso por meios de brincadeiras. Além de criar novas histórias a partir das que lê ou das que lhes contam.

Através das brincadeiras, é possível se conhecer muito sobre as crianças e seus contextos, visto que elas reproduzem o que estão sentindo ou vivendo. Por isso, é muito importante que tanto a escola quanto a família se atentem aos mínimos detalhes a respeito das reações de uma criança. Em virtude disso, ambas as instituições têm importância no seu desenvolvimento e desempenho emocional, social e individual.

Desta forma, tanto a criança quanto o adolescente carecem de cuidados especiais, principalmente de apoio quando preciso. Apesar disso, elas necessitam do incentivo de que podem, sim, conseguir resolver seus problemas sem, necessariamente, em alguns casos, ter o auxílio de um adulto. Em hipótese alguma deve se dizer a uma criança ou adolescente que eles

não podem ou conseguem realizar algo, pois isso pode refletir no seu desenvolvimento, sobretudo, no seu aprendizado. O que se deve dizer é que eles ou elas têm um processo diferente do adulto. Mas que com o passar do tempo, e de acordo com sua nova fase, eles ou elas vão adquirindo novas habilidades que vão auxiliar no que for necessário.

Por meio desse estudo foi possível perceber o potencial transformador da Literatura Infantil. A obra *A Bolsa Amarela* traz consigo uma variedade de informação a respeito da família, da escola, da sociedade e, principalmente, sobre a importância da ludicidade.

A personagem Raquel apropria-se das brincadeiras para expor suas inquietações e alivia-se de suas angústias e aflições. Mediante muita imaginação e da mistura do real com o fictício, ela (re)cria personagens que refletem o seu modo de pensar sobre o mundo e as pessoas. Por meio deles, Raquel tenta encontrar uma forma de mudar à sua realidade.

Raquel tem total controle sobre todos os personagens. Essa é uma das características das brincadeiras: a liberdade e o controle. Além disso, a ausência de regras é que possibilita mais diversão.

Na obra, os amigos imaginários, Lorelai e André, trazem várias questões a respeito de Raquel e de sua família. A primeira é que ela sente a necessidade de carinho e de ser ouvida. Sente necessidade de participar das conversas da família. Mas é impedida porque, segundo eles, não é assunto para criança. Isso faz com que Raquel tenha pressa em crescer, para conseguir atenção dos pais e poder fazer outras coisas que eles dizem que só os adultos conseguem.

Outro aspecto importante abordado na narrativa é que, mesmo sendo criança, a protagonista tem consciência sobre questões preconceituosas que a sociedade impõe. Raquel percebe que a desigualdade de gênero está presente em vários lugares, tanto nas brincadeiras de sua escola, quanto dentro do ambiente familiar. Isso faz com que Raquel tenha vontade de ser menino para ter as mesmas oportunidades que eles.

Nas cartas que escreve para Lorelai e André, Raquel fala sobre questões que por não serem compreendidas por seus familiares causam um alvoroço, isso faz com que ela quase desista de ser escritora. Porém, Lorelai dá uma solução para esse problema. Ela diz que é só Raquel não criar histórias que envolvam pessoas/personagens reais. Assim, ninguém se zangaria com ela.

A par dessas considerações, todos os outros personagens criados por Raquel surgirão a partir de seres inanimados ou de animais, para que ela possa expor sua opinião sobre o mundo e as pessoas sem ser oprimida.

O galo Afonso, apesar da imposição que o seu sexo masculino e a sociedade patriarcal lhe infundem, tem por objetivo lutar por direitos iguais. Na história dele, Raquel também aborda que a desigualdade de gênero é, muitas vezes, causada pelas próprias mulheres que aceitam ser

submissas ao homem. Como é o caso da sua irmã mais moça, que diz que não precisa trabalhar nem estudar porque é bonita. Por isso, vai ter muitos homens para sustentá-la. Esse pensamento da sua irmã mais moça é também discutido na história da Guarda-Chuva e revela um pouco do machismo estrutural, que tanto os homens quanto as mulheres estão sujeitos.

Na história do Alfinete de Fraudas, Raquel discorre sobre a falta de afeto por parte de sua família e sobre o fato de ser pequena ser associada à incapacidade de realizar alguma coisa. Já na história de Terrível, Raquel fala sobre a liberdade de expressão. Tendo em vista que Terrível tem o pensamento “costurado” por outras pessoas, o que faz com que ele só reproduza o que as pessoas quiserem.

Por fim, na Casa dos Consertos, Raquel encontra a solução para todos os seus conflitos. Nessa casa habita uma família muito diferente da sua. Lá todos têm direitos iguais, tanto a mulher quanto o homem da casa podem opinar sobre o quiser. Até mesmo a criança, que inclusive se chama Lorelai, pode expor seus pensamentos e opiniões. Até as tarefas da casa são divididas, o homem às vezes está na cozinha e a mulher consertando coisas, ou vice-versa. A casa também tem uma parede enorme cheia de livros e um velhinho que estuda para mostrar que conhecimento independe de idade.

Depois da Casa dos Consertos, Raquel passou a se aceitar e gostar de ser menina. Além disso, perdeu o medo de escrever e de demonstrar o que sentia por receio do que os outros iam pensar.

A obra em si é composta por várias mensagens importantes. Mas a principal delas, cremos, é a necessidade do autoconhecimento na infância, adquirida, principalmente, pela ludicidade, tema principal que trouxemos ao nosso trabalho.

REFERÊNCIAS

ARIEËS, Philippe. Trad. FLASKSMAN, Dora. História Social da Criança e da Família. LTC, Rio de Janeiro: Edit. S.A, 1981. Disponível em: < <http://files.grupo-educacionalvanguard8.webnode.com/200000024-07a9b08a40/Livro%20PHILIPPE-ARIES-Historiasocial-da-crianca-e-da-familia.pdf>>. Acesso em: 9, julho, 2021.

BOJUNGA, Lygia. **A Bolsa Amarela**. Edição 35°. Rio de Janeiro: CASA LYGIA BOJUNGA LTDA, 2016.

CÂNDIDO, Antônio. Direitos Humanos e Literatura. **Bibli- ASPA**: [s.l.], [s.n.], p. 1-8, 2014. Disponível em: <https://bibliasp.org/wp-content/uploads/2014/09/direitos-humanos-eliteratura-por-antonio-candido.pdf>. Acesso: 2, Julho, 2021.

CARDOSO, Luísa Rita. A Infância e Direitos na Ditadura Civil-Militar Brasileira. **4tas Jornadas de Estudos sobre la Infância**, Buenos Aires: [s.n.], p. 546-563, 2015. Disponível em: <<https://www.aacademica.org/4jornadasinfancia/47.pdf>>. Acesso: 20, julho, 2021.

CARMO, Carliani Portela do et al. A Ludicidade na Educação Infantil: Aprendizagem e Desenvolvimento. **EDUCERE**, [s.l.]: [s.n.], p. 12901-12921, 2017. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23662_12144.pdf>. Acesso: 15, julho, 2021.

DIAS, Ana Creliá Penha; SOUZA, Raquel Cristina Souza. O Lugar dos Cânone (s) na Formação dos Sistemas Literários Infantil e Juvenil Brasileiros. **Elos**. Rio de Janeiro: Edit. Dialnet, n. 2, p. 181-201, 2015. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5478713>>. Acesso: 16, julho, 2021.

DOMINGUES; Carla Medianeira. NIEDERAUER; Silva Helena. História Infantil: Do Imaginário ao Real Desenvolve Valores e Desperta a Criatividade. **Disciplinarum Scientia**, Santa Maria: UFSM, v. 6, n. 1, p. 137-154, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumALC/article/viewFile/693/642>>. Acesso: 4, julho, 2021.

OLIVEIRA, Eloisa da Rosa; CAETANO, Jéscá Goulart. Infância: Reflexões sobre a Bolsa Amarela de Lygia Bojunga. **Lendu**, Criciúma: [s.n.], v. 2, n. 1, p. 25-36, jul. dez. 2017. Disponível em: <<http://periodicos.unesc.net/lendu/article/view/3570>>. Acesso: 5, agosto, 2021.

GOMES, Cláudia Aparecida Valderramas, 2013. O lugar do Afetivo no Desenvolvimento da Criança: Implicações Educacionais. **SciELO**, Maringá: Psicologia em Estudo, v. 18, n. 3, p. 509-518, jul./set. 2013. Disponível em:

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. Pra Você que Me Lê: O Convite de Lygia Bojunga ao Seu Mundo da Imaginação. **Poeme-se**, Agost/2019. Disponível em: <https://blog.poemese.com/pravoce-que-me-le-o-convite-de-lygia-bojunga-ao-seu-mundo-da-imaginacao/>.>. Acesso: 22, julho, 2021.

REIS. Caroline Kirsten, História da Escrita: Uma Contextualização Necessária para Processo de Alfabetização. **UFU**, Uberlândia, Edit.: Universidade Federal de Uberlândia, p.1-58, Out2019. Disponível em: < <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/28854>.>. Acesso: 18, julho, 2021.

RIBAS, Maria Cristina. Criação Literária: Um Ensaio para o Escritor. **Revista Letras**. Curitiba: Editora da UFPR, n. 54, p. 107-115. jul./dez. 2000. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/18803>>. Acesso: 25, Julho, 2021.

RODRIGUES; Lizandra Karen de Oliveira et al. A Ludicidade na Literatura Infanto-juvenil: O Brincar como Ferramenta e Incentivo à Leitura. **EDUCERE**, [s.l.], [s.n.], p. 38811- 38822, 2015. Disponível em:<https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/21001_9537.pdf>. Acesso: 4, agosto, 2021.

SANTOS; Idalina de Assis et al. Educação Infantil: A Influência da Família no Desempenho Escolar dos Alunos. **VI CONEDU**: [s.l.], Editora Realize, p. 1-19, 2019. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA9_ID10241_14082019204135.pdf>. Acesso: 26, julho, 2021

SCHARF, Rosetenair Feijó. A Escola e a Leitura: Prática Pedagógica da Leitura e Produção textual. **UNISUL**, Tubarão: [s.n.], p. 1-205, 2000. Disponível em: <http://gephisnop.weebly.com/uploads/2/3/9/6/23969914/a_escola_e_a_leitura.pdf>. Acesso em 20, julho, 2021.

SILVA, Aline Luiza da. Trajetória da Literatura Infantil: da Origem Histórica e do Conceito Mercadológico ao Caráter Pedagógico na Atualidade. **DOCPLAYER**, UNIVEM, v. 2, n.2 ,jul/dez 2009. <Disponível em: <<https://docplayer.com.br/20649198-Trajectoria-da-literaturainfantil-da-origem-historica-e-do-conceito-mercadologico-ao-carater-pedagogico-naatualidade-1.html>>. Acesso em 5, julho, 2021.

SILVA. Josefa de Lourdes Tinto da Silva. Literatura Infantil: O Desenvolver da Aprendizagem em Crianças na Escola Anayde Beiriz. UFPB, João Pessoa, Editora: Universidade Federal da Paraíba, p. 8-39, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/4318?locale=pt_BR>. Acesso: 10, julho, 2021.

SOUZA, Janaína Pereira de. Contação de História: Contribuição para o Desenvolvimento da Socialização e Aprendizagem, de Crianças da Educação Infantil. **UFPB**, Livramento: [s.n], p. 10-31, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/4226/1/JPS06022015.pdf>>. Acesso: 11, julho, 2021.

TRUJILLO, Alberto Mejia. A Base Triádica da Obra de Arte Literária. **Repositório UNB**, Brasília: [s.l.], p. 11-279, Mai. /2009. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/3794>>. Acesso: 15, julho, 2021.

WITTER; Geraldina Porto. RAMOS; Oswaldo Alcanfor. Influência das Cores na Motivação para Leitura das Obras da Literatura Infantil. **ABRAPEE**, [s.l.], [s.n.], Vol.12. N: 1, Janeiro/Junho, p. 37-40, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/CtZ57WSp58JR34CNdkStBxf/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso: 18, julho, 2021.

